



**Intervenção on-line e grupal com adolescentes órfãos por covid-19: Percepções e reflexões**

Larissa Rodrigues Faria

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos

Brasília, 2023

Larissa Rodrigues Faria

**Intervenção on-line e grupal com adolescentes órfãos por covid-19: Percepções e reflexões**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia Clínica e Cultura.

**Banca examinadora**

---

Profa. Dra. Silvia Renata Magalhães Lordello (Universidade de Brasília - UnB) - Presidente

---

Dra. Isabela Machado da Silva (UnB) - Membro interno

---

Dra. Beatriz Montenegro Franco de Souza Parente (Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal) - Membro externo

---

Dr. Sérgio Eduardo Silva De Oliveira (UnB) - Membro interno suplente

Brasília, 2023

## **Agradecimentos**

Gratidão a Deus, a essência da minha vida. Gratidão a minha família que sempre esteve presente, apoia-me e encoraja em todos os momentos, aos amigos, em especial ao Me. Murillo Rodrigues que me incentivou a entrar no Mestrado e me deu todo apoio. Sou grata a todos os professores, mestres e doutores que fizeram parte da minha história e que auxiliaram na construção da minha jornada até aqui. Tenho muita admiração e respeito por todas essas pessoas que se dedicaram, doaram, às vezes além do que poderiam, para cumprir a bela missão de ensinar.

Gratidão à minha querida orientadora, Dra. Silvia Lordello, que com excelência me ajudou a não somente fazer ciência e a conhecer novas técnicas e teorias, mas me convidou a enxergar o mundo de forma diferente, a sair da “caixinha” e dar mais voz à espontaneidade. A sua alegria, disposição e humildade fizeram desse período leve e agradável, serei eternamente grata.

Por fim, gratidão à banca examinadora, pela ilustre presença, à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), e a toda equipe da Universidade de Brasília que desempenha suas funções de forma excelente e que contribuem direta ou indiretamente com a sociedade, com a ciência, com a educação, cooperando para que tenhamos um mundo melhor.

*Dedico essa dissertação a todos os meus entes queridos.  
Em especial, ao meu avô materno e minha avó paterna.  
José Justino e Eunice Rodrigues.*

*Somos a mistura das pessoas  
que passam em nossas vidas.  
Parte delas fica em nós,  
parte nossa fica nelas.  
A gente se mistura.  
A gente se funde.*

*Por isso, dizer adeus é deixar  
parte da gente ir embora,  
é ficar com um espaço vago,  
que nada e ninguém preenche.*

*Mas, por que dizer adeus?  
Por que “deixar ir”?*

*Decido abraçar a parte que ficou,  
evocar as lembranças,  
me consolar com as memórias,  
honrar o legado com a minha história.*

*Busco uma nova forma de me relacionar,  
com o ausente, mas presente,  
com o que tenho e não com o que falta,  
com a parte que está em mim, e assim,  
não dizer adeus, mas dizer um “olá” novamente.*

*Larissa Rodrigues Faria*

### **Resumo da Dissertação**

A pandemia de covid-19 foi uma emergência de saúde pública caracterizada por perdas em massa e que trouxe inúmeros impactos sociais. Diante da quantidade de adolescentes que ficaram órfãos precocemente e das especificidades que permeiam essa fase da vida, esta pesquisa teve por objetivo propor uma intervenção grupal e on-line para trabalhar o luto em adolescentes que perderam pai e/ou mãe acometidos por covid-19. O primeiro manuscrito foi uma revisão sistemática da literatura, na qual foram selecionados 9 artigos. Os resultados mostraram que os adolescentes na vivência do luto tiveram múltiplas expressões, indicando sua singularidade. Quanto às estratégias de enfrentamento, foram identificadas as terapêuticas e as socioeconômicas. Em relação à intervenção e às pesquisas de luto, os adolescentes reagiram de forma positiva. O segundo manuscrito tratou-se de um estudo de caso múltiplo, com o objetivo de propor a intervenção de luto aos adolescentes órfãos e provocar reflexões acerca das percepções dessa vivência. Foi aplicado o instrumento de avaliação do luto prolongado PG-13, antes e após a realização da intervenção, e um questionário para avaliar a adesão. Três temas se destacaram no estudo: o duplo sentido da lembrança, a importância da rede de apoio e sua influência nos projetos de vida. Foram discutidas propostas de intervenções e estudos futuros que considerem essa singularidade do luto em adolescentes órfãos.

**Palavras-chave:** adolescente, luto, órfãos.

### **Dissertation Abstract**

The covid-19 pandemic was a public health emergency characterized by massive deaths, which brought several social effects. Faced with the number of teenagers who were early orphaned and the specificities that permeate this phase of life, this research was conducted with the aim of proposing an online group intervention to approach grief in adolescents who have lost a father and/or mother due to Covid-19. The first manuscript was a systematic review of the literature. Nine articles were selected. The results showed that adolescents expressed their grief in multiple forms, indicating their uniqueness. As for the coping strategies, they were identified as therapeutic and socioeconomic. Finally, the adolescents reacted positively to the intervention. The second manuscript was a multiple case study, with the objective of proposing grief intervention to adolescents and provoking reflections about this experience. The instruments used were the PG-13 assessment of prolonged grief. It was applied before and after the intervention. A questionnaire was also used to assess adherence. The themes that stand out in the study, the double meaning of memory, the importance of support networks and their influence on life projects. Proposals for interventions and future studies that consider the singularity of grief in orphaned adolescents were discussed.

**Keywords:** adolescent, grief, orphans.

**Lista de figuras**

Figura 1 .....	20
----------------	----

**Lista de tabelas**

Tabela 1 .....	22
Tabela 2 .....	42

## Sumário

Introdução da dissertação.....	11
O luto em adolescentes órfãos: Uma revisão sistemática da literatura.....	13
Resumo .....	13
Abstract .....	13
Introdução.....	14
Adolescência, construção de identidade e processos de enlutamento.....	16
Método.....	18
Resultados e Discussão.....	19
Considerações Finais .....	30
Referências .....	31
Percepções acerca de uma intervenção de luto com adolescentes órfãos por covid-19.....	38
Resumo .....	38
Abstract .....	38
Introdução.....	39
Método.....	41
Resultados e Discussão.....	46
Tema 1: A lembrança como recurso para o luto: ambivalência entre adolescentes.....	47
Tema 2: A importância das redes de apoio.....	49
Tema 3: Adesão à intervenção de luto e avaliação subjetiva de seus efeitos .....	50
Considerações Finais .....	51
Referências .....	52
Considerações Finais.....	56

Referências .....	58
Apêndice A .....	67
Apêndice B .....	69
Apêndice C .....	71
Apêndice D .....	73
Anexo A .....	74

É importante iniciar esta dissertação traçando a trajetória que resultou no presente estudo. A partir daqui este relato introdutório passará a ser em primeira pessoa, já que será abordado um pouco da aproximação da pesquisadora com o campo de pesquisa.

O meu interesse por assuntos que envolvem famílias surgiu muito antes de iniciar minha carreira acadêmica na Psicologia. Sempre acreditei na importância e na influência dos vínculos familiares no desenvolvimento e na saúde humana. Na graduação, o meu trabalho de conclusão de curso foi sobre o relacionamento entre pais e filhos após o divórcio. A partir daí, dediquei-me a conhecer mais sobre esse amplo campo chamado família.

Desde que iniciei na psicologia clínica houve muita demanda de adolescentes em busca de psicoterapia e sempre o aspecto familiar e parental permeavam os atendimentos. Nesse contexto, surgiu a ideia de desenvolver uma pesquisa com o público adolescente e a família. A princípio, quando entrei no Mestrado, meu projeto de pesquisa tinha como objetivo pesquisar a família como fator de risco ou proteção ao adolescente com comportamento suicida, já que era uma demanda que estava muito presente para mim naquele momento.

No entanto, em março de 2020 o coronavírus foi reconhecido como um problema de saúde pública, e, em seguida, foi decretada a pandemia. Esse cenário, com mortes em massa, trouxe múltiplos impactos aos mais variados contextos. Inclusive, dificultou a realização desta pesquisa, por se tratar de um tema muito delicado em um contexto nem um pouco favorável.

Lordello e Silva (2021) desenvolveram uma intervenção grupal e on-line para trabalhar o luto em pessoas maiores de 18 anos que perderam entes queridos por covid-19, norteadas pela Terapia Narrativa de Michael White e David Epston, durante o período pandêmico para auxiliar tais pessoas nesse contexto emergencial. Como aluna do mestrado, eu auxiliei na facilitação de um grupo com adultos e achei incrível. Inspirada por esses grupos terapêuticos, pensei: “por que não tentar adaptar essa intervenção ao público

adolescente?”. Assim, em acordo com a minha orientadora, decidimos mudar os rumos da pesquisa.

Diante disso, buscamos adaptar essa intervenção e observar seus efeitos, bem como a adesão dos adolescentes órfãos por covid-19. Essa pesquisa foi realizada em duas etapas que resultaram em dois manuscritos. O primeiro consiste em uma revisão sistemática da literatura acerca do luto em adolescentes órfãos. A discussão aconteceu em torno de três temas identificados na análise temática, sendo eles: a vivência do luto nos adolescentes órfãos, as estratégias de enfrentamento e respostas dos adolescentes perante a aplicação de uma intervenção e pesquisas de luto.

O segundo manuscrito consiste na aplicação da intervenção junto aos adolescentes. Os temas identificados na análise temática e abordados na discussão foram: a ambivalência e ambiguidade da lembrança; a importância das redes de apoio e a adesão às intervenções que tratem do luto.

Em suma, este trabalho traz percepções e reflexões importantes acerca do luto em adolescentes órfãos pela pandemia de covid-19, bem como a vivência dessa intervenção. Ao final esboço minhas considerações sobre o que foi construído ao longo desta pesquisa e que de alguma maneira poderá auxiliar adolescentes, famílias, profissionais e a sociedade em geral a compreender melhor a subjetividade da adolescência perante o luto.

Esta pesquisa teve auxílio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

## **O luto em adolescentes órfãos: uma revisão sistemática da literatura**

### **Resumo**

Ao considerar a complexidade da adolescência e do luto, torna-se imprescindível compreender a orfandade nesse público. Portanto, buscou-se compreender o luto de adolescentes que perderam pai e/ou mãe por meio de uma revisão sistemática de artigos publicados em inglês e português nos últimos 10 anos na Scielo, Pepsic, Oasisbr, Web of Science e Scopus. Ao final foram analisados nove artigos, após critérios de exclusão pela ótica da análise temática de Braun e Clarke. Os resultados mostraram que os adolescentes na vivência do luto apresentaram múltiplas expressões, indicando sua singularidade. Quanto às estratégias de enfrentamento, foram identificadas as estratégias terapêuticas e socioeconômicas. Por fim, os resultados apontaram que os adolescentes reagiram de forma positiva à intervenção e às pesquisas de luto.

**Palavras-chave:** adolescentes; órfãos; luto; covid-19.

### **Abstract**

When considering the complexity of adolescence and mourning, it is essential to understand orphanhood in this public. Therefore, we sought to understand the grief of adolescents who lost a father and/or mother through a systematic review of articles published in English and Portuguese in the last 10 years in Scielo, Pepsic, Oasisbr, Web of Science and Scopus. In the end, nine articles were analyzed, after exclusion criteria from the perspective of Braun & Clarke's thematic analysis. The results showed that adolescents experiencing grief showed multiple expressions, indicating their uniqueness. As for coping strategies, therapeutic and socioeconomic strategies were identified. Finally, the results showed that the adolescents reacted positively to the intervention and the grief surveys.

**Keywords:** adolescent; orphan; grief; covid-19.

### Introdução

O entendimento acerca do luto vem sendo construído e transformado ao longo dos anos. As definições hegemônicas partem da ideia de uma possível causa de doença física ou mental e se estabelecem em um *continuum* de entendimentos que também incluem a visão do luto como processo a ser compreendido como normal e esperado decorrente do rompimento de um vínculo (Franco, 2008). Ao observarem-se as concepções de diversos autores sobre o luto e perceber diferentes perspectivas, torna-se possível traçar um breve histórico e identificar mudanças quanto a essa compreensão. É importante ressaltar que todas essas perspectivas têm sua relevância e devem ser respeitadas e validadas apesar de suas diferenças.

Dentre as diversas teorias sobre o luto estão as dos séculos 17 e 18, nas quais o luto era considerado causa de morte e havia prescrição de medicações para o chamado luto patológico (Parkes, 2001). O luto descrito como patológico pode ser entendido como um nível intenso em que a pessoa se encontra devastada, dando princípio a um comportamento não adaptativo diante da perda, permanecendo interminavelmente numa única fase, em que há um impedimento da sua progressão que visa a finalização do processo de luto. Essa visão está relacionada com a intensidade e duração das reações do que com a presença ou ausência de um comportamento específico (Horowitz, 1980 citado por Worden, 1983).

Freud (1915) teve uma percepção fundamental nessa construção histórica da compreensão do luto, entendendo-o como uma reação à perda de um objeto desejado, um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano e que requer uma elaboração psicológica. Bowlby (1990) um notável pesquisador, pioneiro na teoria do apego, compreendia o luto como uma resposta ao rompimento de um vínculo importante, em que o

enlutado tinha um investimento afetivo no ente que se foi, indicando que o luto é proporcional ao grau de apego e aos fatores relacionados à perda e seus significados.

Luna (2019), ao mencionar os autores acima, afirma que estes, ao privilegiarem uma visão universal de ser-humano, guiados por uma perspectiva epistemológica positivista, deram ênfase à visão de que a experiência de perda, do ponto de vista psicológico, preconiza um modelo normativo de adaptação e resolução de perda, que sustenta a compreensão do que seja a experiência de luto normal ou patológica.

Uma outra teoria importante na compreensão do luto que teve muita força e alcance nessa construção histórica foi o modelo de Kübler-Ross (1994), que apresenta os cinco estágios do luto e identificou os estágios de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Para a autora, a intensidade dessas fases vai depender do grau de afetividade entre a pessoa e o ente querido e essas etapas não são lineares e não seguem um vetor, a única fase final é a aceitação. É importante ressaltar que essa autora trabalhou com o luto antecipatório.

Pode-se incluir também, nessa construção acerca do luto, a ideia proposta por Franco (2010), uma importante expoente no estudo do luto no Brasil, que entende o processo de luto como uma experiência subjetiva, cheia de significado, inserida em uma cultura e multideterminada. Para essa autora, são múltiplos os fatores que constituem o desenvolvimento desse processo e contribuem para que ele aconteça de forma singular.

Em contraposição ao luto “normal”, tinha-se a ideia de luto patológico como foi descrito anteriormente. Entretanto, a expressão luto complicado tem se mostrado mais adequada. Franco (2010) a define como um momento no qual a pessoa enlutada vive uma desorganização prolongada que a impede de retomar sua rotina com a qualidade que tinha antes da perda. O intuito de diferenciar o luto normal de um luto complicado não foi envolta na construção de um pensamento patológico, como proposto nos séculos 17 e 18 para o luto, mas na importância de se atentar às pessoas enlutadas por morte em relação às suas

organizações psíquicas, cognitivas, sociais, entre outras, principalmente para prevenir a desorganização dessas ordens (Braz & Franco, 2017).

Há também uma proposta pós-moderna, em que alguns trabalhos destacam e valorizam a continuidade dos vínculos, questionam a ideia de que é preciso viver sem a pessoa falecida e acreditam que é possível manter com ela algum tipo de relacionamento pessoal. Portanto, trazem um novo olhar ao luto em que se considera a morte não como um fim, mas um convite a um novo relacionamento (Lordello & Silva, 2021).

Essa ideia de que a morte não dissolve a importância da vida de uma pessoa que se foi surgiu nos trabalhos e nas pesquisas da antropóloga Barbara Myerhoff (1978, 1982), que cunhou o termo *re-membering*. Para Myerhoff (1982), *re-membering* é um modelo especial de recordar, que define os “membros” da vida de uma pessoa, por meio da metáfora do clube da vida. Michael White (1989), no seu artigo “Saying hullo again”, adota uma abordagem terapêutica inovadora que provoca as metáforas de dizer adeus para a pessoa querida que faleceu, tendo como base o trabalho de Myerhoff (1978, 1982) de utilizar histórias e significados como ferramentas para construir a ponte entre vivos e mortos, construindo metáforas para se dizer “olá” novamente e não um adeus.

Percebe-se que, por mais que o luto seja um fenômeno inerente à humanidade, ainda assim é uma vivência delicada, complexa e de grande impacto para muitos indivíduos. Se o luto por entes queridos pode afetar consideravelmente a vida de uma pessoa, como pode ser esse impacto na vida de adolescentes que ficaram órfãos de pai e/ou mãe?

### **Adolescência, Construção de Identidade e Processos de Enlutamento**

A adolescência é compreendida como uma fase que é marcada pela construção da identidade, do significado da vida e da experimentação de novos papéis que surgem em um contexto de ganho de autonomia e mudanças nos laços socioculturais. Além das diversas e

intensas transformações físicas, é um período de desenvolvimento integral (Rodriguez & Damásio, 2014). O Ministério da Saúde (2007) define a adolescência como uma fase da vida compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial e cita que para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência se refere à segunda década da vida, de 10 a 19 anos, e a juventude se estende, dos 15 aos 24 anos.

Para além da definição e da idade de referência proposta pelo Ministério da Saúde e a OMS para situar essa fase da vida, é importante que esse período seja compreendido na sua integralidade, contemplando os aspectos psicológicos e os contextos sociais, históricos, políticos e econômicos dos quais os adolescentes fazem parte e não só por meio dos fenômenos biológicos que acontecem especificamente nessa fase. Com as contribuições atuais da Psicologia do Desenvolvimento, novos olhares têm surgido para essa compreensão da adolescência, que é entendida de forma plural e com um conceito multifacetado, ampliando e problematizando as visões estigmatizadas (Manoel et al., 2020).

Com os diversos fatores em mudança nessa etapa da vida, os adolescentes farão experimentações para buscar formas de apropriarem-se de si e construir sua identidade. Algumas expressões dessa busca por identidade são, muitas vezes, mal compreendidas pelos adultos e pela família. Uma das que mais importunam os que convivem com o adolescente é a oposição, que é frequentemente confundida com rebeldia. Todavia, essa forma de expressão é um meio muito importante para o processo de diferenciação em relação às figuras de identificação (parentais e outras), que é fundamental para a construção de identidade (Carreteiro, 2010; Lordello & Mauch, 2020).

É importante ressaltar que esse incômodo por parte dos pais e responsáveis se dá por meio de uma visão de adolescência que foi construída baseada na cultura, que a compreende como um período difícil, com características determinadas, que pretende entender todos os

adolescentes por meio de uma única perspectiva, desvalorizando suas potencialidades. Essa distorção é reproduzida pelos meios de comunicação e naturalizada pela sociedade, e ajuda a desenvolver uma leitura social que menospreza e deslegitima as vivências adolescentes (Cerqueira-Santos et al., 2014 citado em Lordello & Mauch, 2020).

Ao ponderar a vicissitude da adolescência é possível considerá-la como um fator de risco para o luto. Domingos e Maluf (2003) apontam que é difícil para os adolescentes lidarem, ao mesmo tempo, com a perda do ente querido e com as demandas que envolvem essa fase do desenvolvimento. Os processos de enlutamento nos adolescentes podem representar a primeira experiência de perda de pessoas significativas. Encontrar uma cultura refratária ao seu sofrimento e ainda desconhecer seus próprios recursos para enfrentar vivências tão exigentes emocionalmente, como a perda de um dos pais pode representar um desafio desenvolvimental decisivo para adolescentes.

Diante dessa complexidade da adolescência e do luto, este artigo tem como objetivo analisar o estado da arte acerca da literatura nos últimos dez anos sobre processos de luto em adolescentes que perderam pai e/ou mãe. A intenção do estudo é dar visibilidade ao fenômeno e servir como aporte teórico e auxílio na construção de novos estudos.

### **Método**

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão sistemática da literatura. Realizada de forma estruturada, esse método, possibilita mapear e categorizar a literatura existente acerca de um determinado assunto, por meio da identificação das lacunas na literatura e da justificativa em se realizar mais revisões e/ou estudos primários (Sousa et al., 2018).

Para isso, foram selecionados artigos científicos em português e inglês sobre a elaboração do luto em adolescentes que se tornaram órfãos, por meio dos seguintes

descritores: “adolescente”, “luto” e “órfãos”, “adolescent”, “grief” e “orphan”, com o auxílio do operador booleano “AND”, em cinco bases de dados, que foram selecionadas por serem as principais bases que englobam pesquisas em psicologia nacionais e internacionais, sendo elas: Scielo, Pepsic, Oasisbr, Web of Science e Scopus.

Os critérios de inclusão foram os estudos empíricos, publicados em português e inglês, nos últimos 10 anos. E os critérios de exclusão foram artigos repetidos nas bases de dados; artigos pagos ou não encontrados; capítulos de livros, teses, dissertações, resumos e trabalhos publicados em congressos; e estudos que abordam as questões de adolescência, luto e orfandade sem estabelecer relações entre esses temas.

A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2022. Os artigos foram selecionados com base nos critérios de inclusão e exclusão por meio dos filtros das bases de dados e leitura do título e dos resumos. Após a seleção, houve a descrição e categorização dos artigos selecionados, por meio dos seguintes critérios: ano de publicação, país de afiliação, número de participantes, idade e sexo dos participantes, objetivo e resultados. Nessa etapa, houve também a exclusão de artigos que não atendiam aos critérios. Essa pesquisa foi realizada por dois revisores que atuaram de forma independente.

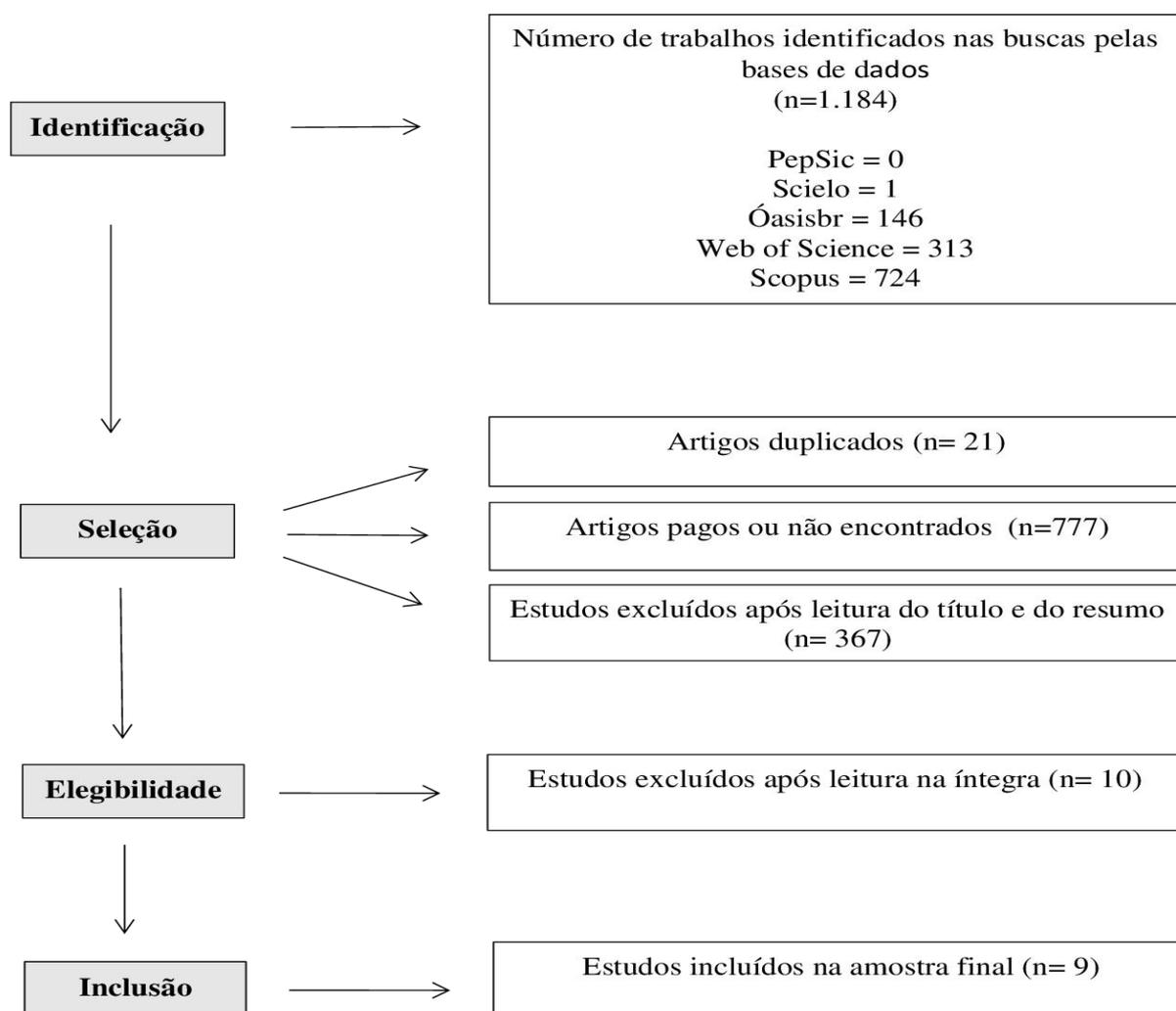
A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática de Braun e Clarke (2006) que consiste em seis etapas: 1) familiarização com os resultados; 2) geração de códigos iniciais; 3) primeira eleição de temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos temas; e 6) produção do relatório. Por meio da análise temática pôde-se definir três temáticas relacionadas ao luto de adolescentes órfãos.

## **Resultados e Discussão**

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos neste estudo de revisão sistemática da literatura. Na figura 1, no fluxograma PRISMA, encontram-se os artigos identificados, selecionados, elegíveis e incluídos na busca de dados.

### Figura 1

*Fluxograma PRISMA dos estudos selecionados para a revisão*



Foram encontrados, ao todo, 1.184 resultados. Após a filtragem dos artigos, retiraram-se os estudos referentes a capítulos de livros, teses, dissertações, resumos e trabalhos publicados em congressos; os que eram pagos ou estudos que não estavam disponíveis a partir da plataforma periódicos CAPES; os que tinham mais de 10 anos de publicação; os não empíricos e os que não representavam o público-alvo ou fugiam do tema, por meio dos filtros das bases de dados e leitura dos títulos e resumos, o que resultou em 19 artigos que foram lidos na íntegra. Após a leitura, retiraram-se os artigos que não se adequaram aos critérios de inclusão e exclusão, finalizando-se a quantidade da amostra de nove artigos.

Os nove artigos restantes foram descritos e categorizados quanto ao ano de publicação, país de afiliação, número da amostra, idade e gênero dos participantes, objetivo e resultados. Referente à idade e sexo dos participantes, os adolescentes pesquisados tinham entre 12 e 24 anos e dois artigos não citaram a idade, mas se referem a adolescentes que eram do ensino secundário. É importante observar que em duas pesquisas os pais viúvos também foram pesquisados. Em uma delas, médicos também fizeram parte, e um artigo fez a pesquisa com crianças também, mas apresentou os resultados de forma separada. Todos os artigos incluídos pesquisaram adolescentes do sexo feminino e masculino.

Quanto ao número de participantes apresentado nos artigos, este variou de 17 a 453 adolescentes. Referente ao ano de publicação e país de afiliação, encontraram-se dois artigos publicados em 2012, um em 2014, dois em 2015, um em 2016, um em 2020, um em 2021 e um em 2022. Quanto ao país de publicação, os artigos foram distribuídos da seguinte forma: um de Ruanda, um da Suécia, um da Holanda, um da Austrália, três da África do Sul e dois do Quênia.

A partir do objetivo e da análise temática dos resultados, os temas estabelecidos com base nos assuntos relativos ao luto de adolescentes órfãos foram: (a) descrição da vivência e

impacto do luto, (b) estratégias de enfrentamento, e (c) os efeitos nos adolescentes de uma intervenção ou pesquisas de luto.

Na tabela 1, serão apresentados os temas identificados por meio da análise temática, os estudos categorizados e referenciados que se enquadraram em cada um deles, bem como os seus principais resultados.

**Tabela 1**

*Resultados da Categorização dos Artigos Incluídos*

Temática relativa ao luto de adolescentes órfãos	Estudos em que a temática foi contemplada	Principais resultados
1. Vivência e impactos do luto	Ntuli, B., Sebola, E., & Madiba, S., 2020; Angelhoff, C., Sveen, J., Alvariza, A., Weber-Falk, M., & Kreicbergs, U., 2021; Spuij, M., Reitz, E., Prinzie, P., Stikkelbroek, Y., de Roos, C., & Boelen, P. A., 2012; Thupayagale-Tshweneagae, G., 2012; Owaa, J. A., Aloka, P. J., & Raburu, P., 2015;	Os órfãos experimentaram dor prolongada, tristeza, ansiedade, medo, desânimo de solidão e raiva profunda, choro, isolamento, silêncio e explosões violentas. Comunicação entre pais e adolescentes normal-alta, autoestima normal-alta. As meninas relataram menor autoestima do que os meninos e melhor comunicação com os pais. Os fatores de progressão emocional afetaram o ajuste dos adolescentes à perda e ao luto. As emoções influenciaram a percepção dos adolescentes de si mesmos, dos outros e questões relacionadas às suas perdas. O modelo no qual sintomas de PGD, depressão e TEPT carregados em fatores separados foi superior a um modelo de um fator e apresentou excelente ajuste do modelo.
2. Estratégias de enfrentamento	Ntuli, B., Sebola, E., & Madiba, S., 2020; Owaa, J. A., Raburu, P. A., & Aloka, P. J., 2015.	As estratégias para adaptação à perda e luto foram: engajar-se no pensamento positivo, buscando terapia de pares e apoio, buscando orientação profissional e serviços de aconselhamento, engajando-se em terapia de grupo, envolvimento em terapia de escrita de cartas, envolvimento em terapia de diário, reflexões de eventos passados, adoção de filosofia e engajar-se na autorrevelação. Abandonar a escola para procurar emprego para cuidar de seus irmãos foi uma das principais estratégias de enfrentamento que os órfãos mais velhos utilizaram.

3. Efeitos de uma intervenção e pesquisas de luto	Unterhitzberger, J., & Rosner, R., 2014; Taylor, T. M., Thurman, T. R., & Nogela, L., 2016; Andriessen, K., Krysinska, K., Rickwood, D., & Pirkis, J., 2022;	A redução dos sintomas de luto foi significativamente maior em indivíduos com luto elevado. Os entrevistados forneceram informações valiosas para melhorar a mensuração do luto com essa população. Os participantes foram mais capazes de aplicar opções de resposta que denotam frequências específicas do que as gerais. A maioria dos participantes não experimentou sofrimento durante a participação e nenhum efeito negativo de participar; em vez disso, a participação foi considerada útil para eles e eles recomendariam a participação em um estudo como este para outras pessoas.
---	--	--

O primeiro tema, trata da descrição da vivência e impactos do luto, foi destacado com cinco artigos. Os dados mostram que os órfãos experimentaram dor prolongada, tristeza, ansiedade, medo, desânimo, solidão, isolamento, choro, raiva profunda e persistente. Alguns foram impactados pela perda da casa e da renda da família, a perda de apoio dos parentes, maus resultados escolares, a negação de aspirações futuras e o afastamento social. Em alguns casos, os participantes foram negligenciados e/ou abusados fisicamente por sua família extensa e não tinham a quem recorrer para pedir ajuda e isso os levou a fugir para viver em famílias chefiadas por jovens. A emoção mais presente era a raiva, eles sentiam raiva de seus pais falecidos, deles mesmos, de Deus e de seus cuidadores. Os adolescentes enlutados por câncer e seus pais viúvos (público de um dos estudos), refletiram principalmente níveis normais de comunicação, autoestima e pouco impacto do luto prolongado. Os resultados revelaram que esses pais viúvos relataram mais abertura e comunicação positiva com as filhas do que com os filhos; as meninas enlutadas apresentaram a autoestima significativamente inferior aos meninos (Angelhoff et al., 2021; Ntuli et al., 2020; Thupayagale-Tshweneagae, 2012).

Outra pesquisa mostrou que os fatores de progressão emocional afetaram o ajuste dos adolescentes à perda e ao luto, indicando que as emoções influenciaram a percepção dos adolescentes de si mesmos, dos outros e de questões relacionadas às suas perdas. Alguns adolescentes relataram sentimentos de vazio e problemas com seguir regras e respeitar autoridades, como forma de se libertarem da dor que sentiam. Outros fatores que afetaram a

progressão emocional dos adolescentes foram: os relacionamentos rompidos, principalmente em relação ao fato de saberem tardiamente da adoção ou da perda dos pais; o estilo parental autocrático por parte do(a) responsável atual; rivalidade entre irmãos; e maus-tratos por parte dos responsáveis. Nota-se que a influência dos pais foi observada como um importante impulsionador da progressão para adolescentes (Owaa et al., 2015a).

É possível perceber nos dados apresentados, as diversas formas de expressão e vivência do luto nos adolescentes que perderam pai e/ou mãe. Por meio de uma visão construtivista, Luna (2014) dialoga com esses achados e afirma que a experiência de luto é compreendida como uma construção singular, em que somente a pessoa que passa pelo luto pode mensurar o que perdeu e o que constitui o seu sofrimento enquanto narra as suas histórias. Tendo como base essa perspectiva pós-moderna se torna possível afirmar que há uma singularidade e subjetividade na vivência do luto e diante disso pode-se problematizar e criticar as normativas acerca dessa vivência quanto ao enquadramento de como é ou deve ser essa experiência.

Isso acontece não somente em relação à vivência, mas ao seu tempo de duração. Em resumo, todo o processo entre a perda e a reabilitação para a vida exige um tempo de luto. É preciso que o luto seja vivido na sua duração plena. A plenitude aqui refere-se às possibilidades em que as tristezas sejam choradas, as dores curadas, as memórias revertidas, e os vínculos reassumidos, afinal, cada pessoa enlutada vive esse momento da sua maneira, de forma individual e singular (Carvalho, 2014).

Ainda sobre a vivência e impactos do luto, os dados também mostraram que alguns adolescentes relataram a sensação de que a vida não tem sentido, desesperança, dificuldades para aceitar a perda, bem como complicações do luto. E tais complicações podem incluir sintomas de transtorno de luto prolongado (PGD) que constituem uma entidade clínica

distinta da depressão relacionada ao luto e ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Ntuli et al., 2020; Spuij et al., 2012).

Boelen e Prigerson (2007) afirmam que o Transtorno de Luto Prolongado é preditor de limitações na qualidade de vida e saúde mental. Esses autores consideram útil o emprego do conceito de Transtorno de Luto Prolongado para identificar enlutados em risco para problemas de saúde que passariam despercebidos se o objetivo estivesse apenas em identificar ansiedade e depressão.

Uma problematização pode ser feita acerca desse enquadramento do luto em critérios diagnósticos para o possível transtorno. Franco (2009) aponta que essa preocupação em ter critérios para diagnóstico de Transtorno de Luto Prolongado é baseada na necessidade de capacitar os clínicos para identificar pessoas enlutadas em situação de risco, indicar questões a serem abordadas com a terapia específica. E, em um segundo momento, auxilia uma medida padrão para a pesquisa de prevalência, fatores de risco, resultados, prevenção e tratamento. Sendo assim, o Transtorno de Luto Prolongado é diferente de outros transtornos psiquiátricos, pois compõe um conjunto de sintomas muito próprios, com pouca sobreposição a outros diagnósticos, como depressão maior, ansiedade generalizada ou transtorno de estresse pós-traumático.

É importante salientar que esse entendimento acerca da relevância do Transtorno de Luto Prolongado para a compreensão do luto parte de uma perspectiva específica que, em muitos casos, não se torna relevante para diversas linhas teóricas, inclusive para algumas teorias pós-modernas.

O segundo tema trata das estratégias de enfrentamento dos adolescentes órfãos destacadas por dois artigos, como: engajar-se no pensamento positivo, esperançoso; buscar terapia de pares, que se refere ao apoio que vem de companheiros de idade, colegas de trabalho ou pessoas com as quais há uma semelhança e que fornecem conhecimento,

experiência, ajuda emocional, social ou prática; orientação profissional e serviços de aconselhamento, que se refere a serviços por um profissional treinado e licenciado; engajar-se em terapia de grupo, dedicar-se à autorrevelação, que é a comunicação através da qual uma pessoa se revela a outra, compreendendo tudo o que um indivíduo escolhe para contar ao outro sobre si; e reflexões de eventos passados, que envolvem o olhar para trás e pensar sobre os eventos passados, comparando e contrastando com sua vida atual. Outras estratégias utilizadas pelos adolescentes que os auxiliaram, foram as estratégias terapêuticas, como a escrita de cartas e de diário, em que se mantém um registro pessoal que detalha os eventos e seus sentimentos em relação aos próprios eventos (Owaa et al., 2015b).

Entre essas vivências terapêuticas que auxiliaram os adolescentes no enfrentamento do luto, pode-se destacar o acompanhamento profissional, seja por meio da orientação, aconselhamento, grupo de luto, como um auxílio importante. Esses dados confirmam os estudos de Siqueira e Azevedo (2020) que encontraram, em sua pesquisa, que a psicoterapia de luto, guiada por um profissional, pode promover o alívio dos sintomas relacionados ao luto, possibilitar a adaptação à nova situação, auxiliar a recuperação, ajudar na elevação ou autorregulação da autoestima, ajudar o indivíduo a lidar com o sofrimento e possibilitar que o sujeito recomece sua vida, aceitando a morte e fazendo projetos futuros.

É importante, ainda, ressaltar a relevância das terapias de grupo ou grupos de apoio e/ou reflexão. Scavacini et al. (2019) concordam que os grupos de apoio dão abertura para que o pesar e o sofrimento sejam expressos e validados, possibilitando que os pares, possam encontrar conjuntamente um lugar de fala e de realização concreta do seu enlutar. A convivência entre os participantes torna-se uma importante estratégia, promove suporte social, acolhimento, empatia, pertencimento e possibilidade de reconstruir a vida após a perda.

Luna (2021), por meio de uma visão construcionista social, também se articula com esses dados e problematiza a importância de grupos de luto para pessoas que não têm direito

ao luto público. Propõe que um grupo reflexivo e de apoio ao luto pode ser um importante aliado na construção de reflexões e apoio às pessoas enlutadas, independentemente de qual seja a circunstância de morte, considerando quem morreu, quem é o enlutado, onde ele vive e qual é a sua cultura.

As terapias de grupo, de acompanhamento profissional e as acompanhadas por pares, são muito vinculadas à reflexão sobre eventos passados e à autorrevelação, que também são citadas por Owaa et al. (2015b) como estratégias de enfrentamento dos adolescentes e que proporcionam um lugar de fala, de expressão, reflexão, auxílio e acolhimento.

Quanto às estratégias terapêuticas que envolvem a escrita, como a terapia de cartas e de diário, Lima e Fortim (2015) dialogam a respeito dos resultados e afirmam que a escrita pode ser vista como um recurso auxiliar na elaboração da perda, apresentando-se como um recurso organizador de uma vivência temporal complexa, auxiliando a elaborar esse passado que não passa e do qual é difícil falar verbalmente. Attig (2001), um importante pesquisador acerca do luto, também corrobora com essa ideia, ao afirmar que a experiência de luto envolve o reaprender o mundo por meio de dois processos de construção de significados, que são: o de dar significados e o de encontrar significados. Todas as estratégias de enfrentamento citadas acima podem auxiliar nesse processo de construção de sentido.

Quanto às estratégias socioeconômicas que auxiliaram o enfrentamento do luto, segundo esta revisão, destaca-se o abandono da escola pelos adolescentes mais velhos para procurar emprego, a fim de cuidar de seus irmãos mais novos. Entre esses jovens chefes de família, a maioria deles eram muito velhos para se qualificarem para o subsídio social que proporciona alívio financeiro a crianças em situação de pobreza, na África do Sul. O subsídio social de apoio à criança para seus irmãos mais novos era sua única fonte de renda. No entanto, eles aprenderam a priorizar o que comprar mensalmente. As narrativas dos adolescentes também revelaram a importância das assistências de rede comunitárias no

auxílio ao enfrentamento do luto. Os adolescentes relataram também que se sentiam fortalecidos ao ficar junto com seus irmãos, apesar das dificuldades que suas famílias enfrentavam diariamente (Ntuli et al., 2020; Owaa et al., 2015b). Em concordância com esses dados, alguns autores ressaltaram que, quando o adolescente perde uma pessoa significativa, como pai e/ou mãe, pode haver uma sobrecarga, pois, além de dar conta dos afazeres específicos dessa fase, precisa lidar com exigências adicionais para lidar com o luto (Domingos & Maluf, 2003; Pereira, 2004). Uma das exigências adicionais pode ser o assumir responsabilidades econômicas, como indicado nos resultados.

O terceiro tema refere-se aos efeitos nos adolescentes, seja de uma intervenção ou de uma pesquisa de luto, composta por três artigos. Os resultados indicam que, em relação à intervenção testada, houve uma redução dos sintomas de luto significativamente maior em indivíduos com luto elevado (Unterhitzberger & Rosner, 2014). Esses dados permitem que reflexões sejam feitas acerca das intervenções de luto com adolescentes. Schut e Stroebe (2005), pesquisadores importantes nessa temática, articulam-se com essa ideia e apontam que há diversas intervenções que podem ser viáveis em contextos socioculturais ocidentais, como por exemplo, equipes de emergência visitando famílias enlutadas poucas horas após o óbito, grupos de autoajuda, programas de educação para enlutados, tratamentos envolvendo informações e emoções compartilhadas em grupo, psicoterapia breve de grupo, hipnoterapia e terapia dinâmica. Santos (2019) contribui ao apontar que, ainda que seja imprescindível o desenvolvimento de pesquisas ou protocolos de avaliação da eficácia das intervenções com enlutados, é possível afirmar que os pesquisadores dessa temática estão no caminho certo; buscando terapias que priorizem a expressão emocional, assim como o apoio necessário para que o enlutado se fortaleça para o enfrentamento e adaptação à vida após a perda.

Quanto às questões relacionadas a avaliações da pesquisa de luto, os dados mostraram que os adolescentes não experimentaram sofrimento durante a participação e nenhum efeito

negativo de participar da pesquisa. Em vez disso, a participação foi considerada útil para eles, que recomendariam a participação em um estudo como este para outras pessoas. Alguns adolescentes relataram alguma angústia relacionada à ansiedade sobre a participação e ao desagrado das memórias de luto (Andriessen et al., 2022). Diante da complexidade que envolve a adolescência e dos múltiplos fatores que contribuem para que a experiência de luto seja tão singular nessa fase da vida, pode-se sugerir que esse público possa estar em uma situação de vulnerabilidade, portanto, surgem algumas preocupações quanto à realização de pesquisa com esse público nesse contexto.

Zappe et al. (2013) corroboram com essa análise ao afirmarem que o planejamento de uma pesquisa com adolescentes em situação de vulnerabilidade, como é o caso do luto parental, deve envolver escolhas éticas e bioéticas para tentar lidar com as especificidades desses casos. É importante buscar garantir o exercício da autonomia. Portanto, é preciso adotar procedimentos especiais para proteger os participantes da pesquisa por meio de princípios que visem a garantir a dignidade dos sujeitos que participam de pesquisas; ponderar entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. Os danos previsíveis deverão ser evitados, seguindo-se o princípio da não maleficência. É preciso ponderar a relevância social da pesquisa, com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, garantindo-se igual consideração aos interesses envolvidos e à destinação sócio-humanitária, guiando-se pelos princípios de justiça e de equidade.

E, por fim, os resultados mostram informações valiosas que foram mencionadas na pesquisa realizada por Taylor et al. (2016) para melhorar a mensuração do luto em adolescentes. Por exemplo, o consenso de que não pensar com frequência em um ente querido falecido era vergonhoso e a aversão a termos como “morreu”. Os adolescentes

preferem o termo “falecido”. Há também aspectos em relação às questões que envolvem o impacto da perda na sobrevivência básica dos adolescentes. Em vez do bem-estar psicológico, em que muitos adolescentes enfatizaram a importância da pessoa falecida como provedora de recursos. Os participantes foram mais capazes de aplicar opções de resposta que denotam frequências específicas (por exemplo, “uma ou duas vezes por semana”) do que as gerais que não denotam especificamente uma frequência (por exemplo, “um pouco do tempo”).

### **Considerações Finais**

A partir do estado da arte acerca do luto em adolescentes que perderam pai e/ou mãe, conclui-se que o objetivo desta pesquisa foi alcançado e algumas problematizações podem ser feitas quanto às principais temáticas encontradas nos estudos selecionados e categorizados para análise. Quanto à descrição da vivência e impactos do luto, conclui-se que o luto é uma experiência singular e subjetiva, portanto, não cabe padronizá-lo em adolescentes, afinal, há múltiplas expressões diante da perda. Esses achados auxiliam a construção acerca da compreensão da adolescência e da vivência do luto sem um enquadramento rígido, estigmatizado, determinista e patológico, que, muitas vezes, permeia os diálogos e a compreensão acerca desse tema, tanto no âmbito acadêmico quanto social.

Em relação às estratégias de enfrentamento, pôde-se identificar dois grupos: as estratégias terapêuticas que foram utilizadas pelos adolescentes para lidar com o luto, como as diversas terapias de pares, de grupo, as com auxílio profissional, que por sinal não são excludentes, e o uso da escrita como ferramenta terapêutica; o segundo grupo são as estratégias socioeconômicas que alguns adolescentes precisaram ter devido à ausência do pai e/ou da mãe. Surge aqui uma problematização necessária acerca das políticas públicas e dos auxílios disponíveis para os adolescentes que se tornaram órfãos e que, muitas vezes, se encontram em situação de vulnerabilidade, não sendo assistidos e, de certa forma, sendo

negligenciados pelo poder público e pela sociedade, tendo que abandonar seus estudos, seus direitos, para se sustentar e ficam, em muitos casos, sem acesso ou sem conscientização dos recursos que podem auxiliá-los no enfrentamento do luto.

No que diz respeito aos efeitos de uma intervenção de luto ou pesquisas, nota-se que os adolescentes reagiram de forma positiva à intervenção testada e às pesquisas realizadas, indicando que as intervenções e pesquisas com adolescentes que perderam pai e/ou mãe podem ser realizadas desde que haja todos os cuidados éticos necessários. Cabem aqui reflexões a serem feitas acerca do desenvolvimento de pesquisas e intervenções voltadas especialmente para esse público. Esses adolescentes, principalmente os órfãos, têm sido assistidos? Há uma proporcionalidade entre a quantidade de adolescentes que necessitam de auxílio e a quantidade de intervenções e pesquisas desenvolvidas?

Espera-se que esta pesquisa sirva como aporte teórico e estímulo a novas pesquisas e novas intervenções, seja no âmbito científico ou social, pois há muitos espaços a serem preenchidos no conhecimento especialmente aos adolescentes enlutados. Salienta-se a importância de se investir em redes de apoio, políticas públicas bem como incentivo e fomento a novas pesquisas e intervenções.

### Referências

Andriessen, K., Kryszynska, K., Rickwood, D., & Pirkis, J. (2022). The reactions of adolescents, parents and clinicians to participating in qualitative research interviews regarding adolescents bereaved by suicide and other traumatic death. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(1), 452.  
<https://doi.org/10.3390/ijerph19010452>\*

---

\* Referência recuperada na revisão sistemática.

- Angelhoff, C., Sveen, J., Alvariza, A., Weber-Falk, M., & Kreicbergs, U. (2021). Communication, self-esteem and prolonged grief in parent-adolescent dyads, 1-4 years following the death of a parent to cancer. *European Journal Of Oncology Nursing, 50*. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2020.101883>\*
- Attig, T. (2001). Relearning the world: Making and finding meanings. In: R. A. Neimeyer (Ed.) *Meaning reconstruction and the experience of loss*. (pp. 33-53). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10397-002>
- Boelen, P. A., & Prigerson, H. G. (2007). The influence of symptoms of prolonged grief disorder, depression, and anxiety on quality of life among bereaved adults: a prospective study. *European archives of psychiatry and clinical neuroscience, 257*, 444-452. <https://doi.org/10.1007/s00406-007-0744-0>
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda* (Vol. 1). SP: Martins Fontes.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77-101. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP063OA>
- Braz, M. S. & Franco, M. H. P. (2017). Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*. 37 (1), pp. 90-105. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016>
- Carreteiro, T. (2010). Adolescências e experimentações possíveis. In M. Marra, & L. Costa (Eds.), *Temas da clínica do adolescente e da família* (pp. 15-24). Ágora.
- Carvalho, F. A. (2014). *Reflexões sobre a morte e a elaboração do luto*. [Tese de Doutorado]. Pontificia Universidade Católica de São Paulo. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15371/1/Francisco%20de%20Assis%20Carvalho.pdf>

---

\* Referência recuperada na revisão sistemática.

- Domingos, B., & Maluf, M. R. (2003). Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, pp. 577-589.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300016>
- Franco, M. H. P. (2008). Luto em cuidados paliativos. In Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Ed.), *Cuidado Paliativo* ( pp. 559-570). Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.  
[http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/integras\\_pdf/livro\\_cuidado%20paliativo.pdf](http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/integras_pdf/livro_cuidado%20paliativo.pdf)
- Franco, M. H. P. (2009). Luto como experiência vital. *Cuidados paliativos: Discutindo a vida*.  
[https://www.4estacoes.com/pdf/textos\\_saiba\\_mais/luto\\_como\\_experiencia\\_vital.pdf](https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_como_experiencia_vital.pdf)
- Franco, M. H. P. (2010). Por que estudar o luto na atualidade? In M. H. P. Franco (Org.), *Formação e rompimento de vínculos*. (pp. 17- 42). Summus.
- Freud, Sigmund. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. In: *A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (1996). (14, pp. 245-263). Imago.
- Kübler-Ross, E. (1994). *Sobre a Morte e o Morrer: O que os Doentes Terminais Têm para Ensinar a Médicos, Enfermeiras, Religiosos e aos seus Próprios Parentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lima, S., & Fortim, I. (2015). A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*, 18(4), pp. 771-788. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12>
- Lorello, S. R., & Mauch, A. G. D. (2020). Psicoterapia de adolescentes e jovens: Práticas dialógicas e terapia narrativista como dispositivos clínicos. In D. M. D. Amparo, R. A. D. O. Morais, K. C. T. R. Brasil, & E. R. Lazzarini (Eds.), *Adolescência:*

*psicoterapias e mediações terapêuticas na clínica dos extremos*. (pp. 425-534).

Technopolitik.

- Lordello, S. R. & Silva, I. M. (2021). The Grief Elaboration Process in the Pandemic Scenario: A Group Intervention. *IntechOpen*. <https://www.intechopen.com/online-first/77524>
- Luna, I. J. (2014). *Histórias de perdas: uma proposta de (re) leitura da experiência de luto* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].  
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129248>
- Luna, I. J. (2019). Narrativas de homens viúvos diante da experiência de luto conjugal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 32–46. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i64.497>
- Luna, I. J. (2021). Uma proposta teórico-metodológica para subsidiar a facilitação de grupos reflexivos e de apoio ao luto. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 46–60.  
<https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.585>
- Manoel, D. F., Lordello, S. R., Souza, L., & Pessoa, A. S. G. (2020). Sexting e adolescência: A emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. *Revista da SPAGESP*, 21(1), 37-50. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7322113>
- Ministério da Saúde. (2007). Marco legal: Saúde, um direito de adolescentes.(1ªed.).  
Ministério da Saúde. [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0400\\_M.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf)
- Myerhoff, B. (1978). *Number our days*. Simon and Schuster.
- Myerhoff, B. (1982). Life history among the elderly: Performance, visibility and remembering. In J. Ruby (Ed.), *A crack in the mirror: Reflexive perspectives in anthropology* (pp. 99–117). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Ntuli, B., Sebola, E., & Madiba, S. (2020). Responding to Maternal Loss: A Phenomenological Study of Older Orphans in Youth-Headed Households in

- Impoverished Areas of South Africa. *Healthcare*, 8(3). 259.  
<https://doi.org/10.3390/healthcare8030259>\*
- Owaa, J., Aloka, P., & Raburu, P. (2015). The influence of emotional progression factors on adjustment to loss and grief on Kenyan orphaned secondary school students. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 6(4S3),190 - 200.  
<https://doi.org/10.5901/mjss.2015.v6n4s3p190>\*
- Owaa, J., Raburu, P., & Aloka, P. (2015). Strategies for adjustment to loss and grief among selected Kenyan orphaned secondary school students. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 6(4S3). 532 - 541. <https://doi.org/10.5901/mjss.2015.v6n4s3p532>\*
- Parkes, C.M. (2001) A Historical Overview of the Scientific Study of Bereavement. In. Strobe, M., Hansson, R. H., Stroebe, W. e Schut, H. (2001). *Handbook of Bereavement Research: Consequences, Coping and Care*. American Psychological Association.
- Pereira, K. M. (2004). *Adolescência, luto e enfrentamento*. [Dissertação de mestrado]. Pontificia Universidade Católica de São Paulo.
- Rodriguez, S. N., & Damásio, B. F. (2014). O desenvolvimento de identidade e sentido de vida nos adolescentes. In: L. F. Habigzang, E. Diniz, & S. H. Koller (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica* (pp. 30-41). Porto Alegre: Artmed.
- Santos, G. C. B. F. (2019). Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, 2(3), pp. 116–137. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.116-137>
- Scavacini, K., Cornejo, E. R., & Cescon, L. F. (2019). Grupo de Apoio aos Enlutados pelo Suicídio: Uma experiência de posvenção e suporte social. *Revista M. Estudos Sobre a*

---

\* Referência recuperada na revisão sistemática.

- Morte, os Mortos e o Morrer*, 4(7), 201–214. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2019.v4i7.201-214>
- Schut, H., & Stroebe, M. (2005). Interventions to Enhance Adaptation to Bereavement. *Journal of Palliative Medicine*, 8(1), 141-148. <https://doi.org/10.1089/jpm.2005.8.s-140>
- Siqueira, A. C., & Azevedo, D. F. (2020). Terapia do Luto: Intervenções clínicas na elaboração do processo de luto. *Revista Farol*, 9(9), 341-355. <https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/154>
- Sousa, L. M. M., Firmino, C. F., Marques-Vieira, C. M. A., Severino, S. S. P., & Pestana, H. C. F. C. (2018). Revisões da literatura científica: Tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação*, 1(1), 45-54. <https://doi.org/10.33194/rper.2018.v1.n1.07.4391>
- Spuij, M., Reitz, E., Prinzie, P., Stikkelbroek, Y., de Roos, C., & Boelen, P. (2012). Distinctiveness of symptoms of prolonged grief, depression, and post-traumatic stress in bereaved children and adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 21(12), pp. 673-679. <http://dx.doi.org/10.1007/s00787-012-0307-4>
- Taylor, T. M., Thurman, T. R., & Nogela, L. (2016). “Every time that month comes, I remember”: using cognitive interviews to adapt grief measures for use with bereaved adolescents in South Africa. *Journal of Child and Adolescent Mental Health*, 28(2), 163 - 174. <http://dx.doi.org/10.2989/17280583.2016.1210154>
- Thupayagale-Tshweneagae, G. (2012). Grieving experiences amongst adolescents orphaned by AIDS: Analysis from event history calendars. *Curationis*, 35(1). <http://dx.doi.org/10.4102/curationis.v35i1.7>\*

---

\* Referência recuperada na revisão sistemática.

- Unterhitzenberger, J., & Rosner, R. (2014). Lessons from writing sessions: a school-based randomized trial with adolescent orphans in Rwanda. *European journal of psychotraumatology*, 5(1). <https://doi.org/10.3402/ejpt.v5.24917>\*
- White, M. (1989). Saying hullo again. In M. White (Ed.), *Selected papers*, (pp. 29–36). Dulwich Centre Publications.
- Worden, J. (1983). *Grief Counselling & Grief Therapy*. London and New York: Tavistock Publications.
- Zappe, J. G., Santos, C. R., Ferrão, I. S., & Dias, A. C. G. (2013). Vulnerabilidade e autonomia na pesquisa com adolescentes privados de liberdade. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*, 33(1), pp. 234-247. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000100018>\*

---

\* Referência recuperada na revisão sistemática.

## **Percepções acerca de uma intervenção de luto com adolescentes órfãos por covid-19**

### **Resumo**

Perder uma pessoa significativa em meio a uma pandemia e de forma absurdamente inesperada é estarrecedor, quando é um adolescente que perdeu um pai ou uma mãe, a situação pode ser ainda pior. Pensando nisso, esta pesquisa tem como objetivo propor uma intervenção grupal e on-line para adolescentes órfãos de pai e/ou mãe por covid-19, por meio da observação de seus efeitos e sua adesão. Os instrumentos utilizados foram o de avaliação do luto prolongado (PG-13) e um questionário de adesão. Os principais temas abordados na intervenção identificados por meio da análise temática foram: a ambivalência e ambiguidade da lembrança; a importância das redes de apoio e a adesão às intervenções que tratem do luto. Em relação aos efeitos da intervenção não se pode medir com precisão e quanto à adesão, as participantes gostaram e indicaram para outras pessoas.

**Palavras-chave:** adolescentes; órfãos; luto.

### **Abstract**

Losing a significant other in the middle of a pandemic and in an absurdly unexpected way is appalling, and when it's a teenager who lost a parent, the situation can be even worse. With that in mind, this research aims to propose a group and online intervention for adolescents orphaned by a father and/or mother due to Covid-19, through the observation of its effects and adherence. The instruments used were the PG-13 assessment of prolonged grief and an adherence questionnaire. The main themes addressed in the intervention identified through the thematic analysis were identified through the thematic analysis the ambivalence and ambiguity of memory; the importance of support networks and the adherence to interventions that deal with grief. Regarding the effects of the intervention, it is

not possible to measure precisely and regarding adherence, the participants liked it and recommended it to other people.

**Keywords:** adolescent; orphan; grief.

### Introdução

Em dezembro de 2019 em Wuhan, na República Popular da China deu-se o início da pandemia de covid-19. Tratava-se de uma nova cepa de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Em janeiro de 2020 o surto do novo coronavírus foi declarado uma emergência de saúde pública de importância internacional e em março de 2020 foi caracterizado como uma pandemia (Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2021).

Além da quantidade assombrosa de mortes em curto espaço de tempo, houve dificuldades para realizar rituais de despedida entre as pessoas prestes a morrer e seus familiares, assim como rituais os funerários foram impossibilitados. Esse cenário atípico pode influenciar e dificultar a experiência de luto das pessoas (Crepaldi et al., 2020).

Para Parkes (1998), o luto é uma resposta natural e esperada após uma separação simbólica ou concreta que seja relevante para o indivíduo. A experiência de luto, a partir de uma visão construtivista, é compreendida como uma construção singular, em que somente o enlutado pode dimensionar o que perdeu e no que consiste o seu sofrimento (Luna, 2014). Por mais que o ser humano tenha certeza de sua própria finitude, a morte não deixa de impactar a subjetividade de quem vivencia uma perda significativa e isso demanda que as pessoas passem por um processo de elaboração do luto para reorganizarem a si mesmas (Parkes, 2009).

A perda de um ente querido por si gera impacto na vida das pessoas, e quando há a perda de uma pessoa que desempenha uma função parental na família todos os integrantes

desse sistema são afetados, os adolescentes em especial podem ter um impacto significativo no seu ajustamento. Devido ao estresse gerado por esse acontecimento, as estratégias de enfrentamento podem ser comprometidas (Rotheram-Borus et al., 2005).

A adolescência é considerada uma construção social, histórica, cultural, biológica e psicológica, cuja a compreensão como uma etapa da vida dotada de características próprias, possuindo um estatuto legal e social, ocorreu apenas no século XX (Grossman, 2010). Atualmente é considerada uma fase de transição do indivíduo, da infância para a idade adulta, evoluindo de uma condição de extrema dependência para um estado de autonomia pessoal (Silva & Mattos, 2004).

Segundo Manoel et al. (2020) a Psicologia do Desenvolvimento tem contribuído com novos olhares para essa compreensão da adolescência, que atualmente é entendida de forma plural e com um conceito multifacetado, ampliando as visões estigmatizadas. É importante que a adolescência seja compreendida na sua totalidade, considerando os aspectos psicológicos e os contextos sociais, históricos, políticos e econômicos nos quais os adolescentes fazem parte, não só por meio das mudanças e fenômenos biológicos e psicológicos que acontecem especificamente nessa fase. Devido às implicações envolvidas nessa etapa do desenvolvimento, as reações à perda de um ente querido do adolescente e a sua relação com a morte podem ser peculiares, únicas e diferentes (Domingos & Maluf, 2003).

O aporte teórico adotado nesta pesquisa foi a Terapia Narrativa que é uma abordagem terapêutica influenciada pelo construcionismo social e pelas ideias de Bateson, Lev Vygotsky, Michel Foucault, Jacques Derrida, entre outros. Essa abordagem propõe que é por meio da linguagem que se significa e organiza as relações (Carrizo & Rasera, 2010; Grandesso, 2011)

A Terapia Narrativa, recusa a ideia de que a dor do luto deva ser superada e que o enlutado deva despedir-se e encerrar sua relação com a pessoa que faleceu (Campillo, 2009).

Para essa abordagem, as conexões com a pessoa falecida podem continuar se fortalecendo e sendo aprimoradas mesmo após o falecimento.

Michael White (1998 citado por Grandesso, 2011) desenvolveu um trabalho com pessoas enlutadas que não se conformavam em seguir em frente sem a pessoa querida, conhecido como “dizendo olá novamente”. Tradicionalmente essas pessoas eram tratadas como se estivessem com um luto tardio ou patológico. Michael White compreendia que essas pessoas haviam perdido não só o ente querido, mas uma parte importante de sua identidade. Então, ele propunha que as pessoas recuperassem o seu relacionamento com o ente querido. A ideia era criar um ambiente de conversação em que a pessoa enlutada pudesse se reposicionar em relação à morte da pessoa querida e, conseqüentemente, continuar com seus projetos que, muitas vezes, são interrompidos.

Norteadas por essa abordagem de Michael White, as pesquisadoras Lordello e Silva (2021) desenvolveram uma intervenção grupal e on-line para se trabalhar o luto com adultos no período da pandemia de covid-19. Diante das perdas em massa, da quantidade de adolescentes que ficaram órfãos precocemente de pais e/ou mães e das especificidades que permeiam um período pandêmico e a fase da adolescência, surgiu-se o interesse em trabalhar o luto com esses adolescentes órfãos, tendo como orientação a proposta de Lordello e Silva (2021). Diante disso, o objetivo desta pesquisa é propor uma intervenção grupal e on-line para adolescentes órfãos de pai e/ou mãe, descrevendo seus efeitos e sua adesão.

### **Método**

Realizou-se um estudo de caso coletivo (Stake, 1995). Esse método funciona como uma estratégia para compreender fenômenos e se encaixa em situações em que o caso estudado se estende a vários casos. Esse tipo de estudo permite refletir sobre um assunto

específico e também pode servir para refinar uma teoria e proporcionar conhecimento sobre algo que não é exclusivamente o caso em si. (Coutinho & Chaves, 2022).

Esse estudo foi transversal, exploratório, qualitativo e quantitativo, epistemologicamente guiado pela Terapia Narrativa de Michael White e David Epston. A opção por esse tipo de pesquisa deve-se ao interesse em compreender os efeitos da intervenção nos adolescentes bem como sua adesão a ela. Participaram da pesquisa três adolescentes de 15, 17 e 19 anos que perderam mãe ou pai por covid-19 há, no mínimo, seis meses, conforme Tabela 1.

O primeiro instrumento utilizado foi o de avaliação do luto prolongado PG-13, adaptação portuguesa do instrumento Prolonged Grief Disorder (PG-13) de Prigerson et al. (2009), traduzida e adaptada por Delalibera, Coelho e Barbosa (2011). É constituído por duas partes. A primeira contém três itens. Os dois primeiros avaliam a frequência do sentimento de ansiedade de separação através de uma escala do tipo Likert de cinco pontos, em que, o 1 representa “quase nunca” e o 5 “várias vezes por dia”. O terceiro item refere-se à duração deste sintoma através de uma resposta dicotômica, isto é, o participante responde de forma afirmativa caso se refira a um período igual ou superior a seis meses e de forma negativa se a manifestação do referido sintoma existe há menos de seis meses. A segunda parte desta escala é composta por nove itens descritivos de sintomas cognitivos, emocionais e comportamentais, em que a resposta é dada por meio de uma escala tipo Likert de cinco pontos que permite avaliar a intensidade dos sentimentos referidos.

---

## **Tabela 1**

### *Informação das participantes*

Nome fictício	Idade	Ente falecido	sexo
Luana	17 anos	mãe	feminino
Fernanda	19 anos	pai	feminino
Clara	15 anos	pai	feminino

A última questão refere-se à incapacidade funcional nas áreas social e ocupacional, além de, outras áreas do funcionamento, sendo solicitado aos participantes que respondam de forma dicotômica (sim ou não). Todas essas perguntas se referem ao funcionamento da pessoa durante o último mês, o PG-13 só pode ser aplicado em pessoas que estão em luto por no mínimo seis meses (Delalibera et al., 2011).

Outro instrumento utilizado foi um questionário produzido pela autora e sua orientadora, para avaliar a adesão das participantes à intervenção, composto por três perguntas. A primeira era fechada, e a pergunta era se o grupo a auxiliou. A segunda, também fechada, era se indicaria o grupo para outras pessoas. A última pergunta foi aberta e pedia para que a participante descrevesse como foi a experiência no grupo de luto. Ambos os instrumentos foram aplicados de forma on-line. Embora a aplicação dos instrumentos tenha sido realizada com todas as participantes, o fato de se ausentarem de algumas sessões foi um fator que pode ter impactado no objetivo da aplicação após intervenção, conforme será apontado na discussão.

O modelo de intervenção aplicado foi uma adaptação da intervenção grupal on-line realizada por Lordello e Silva (2021), que foi formulada para trabalhar o luto com adultos que perderam familiares por covid-19 durante a pandemia. A intervenção consiste em um grupo de apoio composto por, no máximo, 15 pessoas, realizado em seis encontros, com duração média de 1 hora e 30 minutos e que ocorreram uma vez por semana. Cada encontro tem um tema específico, que será detalhado a seguir.

Tema 1: Conhecer o grupo e estabelecer acordos.

É importante que, nesse encontro, se inicie a construção de uma proposta colaborativa, dialógica, em que os membros do grupo possam sentir que sua emocionalidade será acolhida em todas as suas expressões. Após os esclarecimentos de como o grupo vai funcionar, os

participantes são convidados a falar sobre seus dolorosos processos de acompanhamento dos seus entes queridos, desde o momento do diagnóstico até o óbito.

Tema 2: Investigar a rede de suporte e recursos dos adolescentes enlutados.

Inicia-se esse encontro com a retomada dos conteúdos verbalizados na sessão anterior e o impacto produzido por essas falas. Enfatizam-se aqui as histórias de luta e atitudes de cuidado e afeto dedicadas ao ente querido. Essa sessão é dedicada também às narrativas sobre com quais suportes foi possível contar nesse momento. Ao final do encontro, propõe-se a apresentação, na sessão seguinte, do familiar que faleceu, recorrendo a recursos como fotos, objetos, músicas ou qualquer objeto, ou história que melhor o represente.

Tema 3: Apresentar o ente querido e suas histórias.

Nesse encontro, cada participante apresentará seu ente querido. Esse encontro é baseado na metáfora do clube da vida, o intuito é retomar o falecido como membro, buscando a conexão permanente, independentemente da ausência física e compartilhando o seu legado. Então se propôs que essa apresentação fosse acompanhada de fotos, objetos, músicas e o que mais o enlutado quisesse trazer para expressar a pessoa e ilustrar seu relacionamento com quem faleceu.

Tema 4: Fazer uma conexão entre as pessoas apresentadas e as ressonâncias.

O quarto encontro é dedicado às conversas de *re-membering* (relembração), que são mediadas por conjuntos de perguntas que resgatam histórias e depoimentos sobre a pessoa que partiu. As perguntas se voltam para a ideia de recuperar essa conexão com a pessoa falecida. O intuito é enxergar o quanto o ente querido está presente na vida do enlutado e que é possível que essa relação se mantenha após a morte, embora necessite de novas formas. O primeiro conjunto de perguntas busca fazer com que os participantes recontem como a figura significativa contribuiu para a sua vida e como essa conexão teve impacto sobre sua identidade e sobre quem é hoje. O segundo conjunto de perguntas aborda a contribuição que

o participante deixou na vida da pessoa que faleceu. Resgata-se aqui também a forma como essa pessoa contribuiu para a identidade da pessoa falecida.

Tema 5: Procurar por recursos e redes da comunidade dos adolescentes.

Esse encontro tem como objetivo buscar recursos e redes comunitárias que auxiliem no enfrentamento do luto e auxiliar na restauração dos projetos pessoais e familiares que passam a ser remodelados a partir da ausência física daquele membro. Os participantes do grupo são convidados a pensar em quais estratégias observaram no grupo que dialogam com suas próprias histórias de enfrentamento.

Tema 6: Avançar e revitalizar projetos com a força de legados.

Esse encontro propõe um olhar mais prospectivo sobre o processo de luto, incluindo a temática da revitalização dos projetos com a força dos legados do ente querido sobre quem tanto falamos nas conversas de lembrança. Com um tom conclusivo, as pessoas revisitam a forma como chegaram ao grupo e como se desenvolveram ao longo dessas semanas. Não se romantiza aqui uma elaboração do luto ou qualquer mudança milagrosa na forma de entender a sua dor, mas se reconhece o espaço como uma oportunidade dialógica que permitiu muitas construções, cada um a seu modo e ancorado em suas vivências anteriores.

A pesquisa foi realizada de forma totalmente virtual, devido ao contexto pandêmico, e, como é uma proposta de intervenção para ser aplicada em situações similares, o ideal é que se avaliem os efeitos nesse contexto. Houve a divulgação do grupo de apoio nas redes sociais contendo todas as informações necessárias do grupo. As pessoas fizeram suas inscrições online e no ato da inscrição os adolescentes menores de 18 anos colocaram o contato do/da responsável. Os inscritos foram contatados pela pesquisadora que confirmou as informações e verificou se atenderiam aos critérios exigidos. Nessa etapa, houve uma dificuldade para se captar participantes. Alguns inscritos não atendiam aos critérios e houve dificuldade de se encontrar um horário que atendesse à maioria devido aos compromissos escolares.

O primeiro contato foi realizado via WhatsApp. No caso das menores de idade, o primeiro contato foi com o/a responsável. Foram apresentados os aspectos éticos-legais da pesquisa: termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), termo de assentimento (TALE). No TCLE e no TALE constou um campo de consentimento pós-informação. Em seguida, foi enviado aos participantes o questionário PG-13. A etapa seguinte foi a realização do grupo. Ao final dos seis encontros, as participantes foram direcionadas novamente a responder o questionário PG-13 e o questionário de adesão à intervenção.

A análise de dados do instrumento de avaliação do luto prolongado PG-13 foi realizada conforme orientação dos autores. Para que haja indicação de luto prolongado é preciso que as questões 1 e 2 sejam respondidas com uma intensidade diária ou de várias vezes por dia; resposta afirmativa à questão 3; pelo menos cinco das questões 4 a 12 devem ser respondidas em nível 4 ou 5; e resposta afirmativa à questão 13. A análise das questões fechadas do questionário de adesão foi realizada por meios estatísticos e a análise de dados das questões abertas, bem como dos dados colhidos durante a intervenção, aconteceu por meio da análise temática de Braun e Clarke (2006), respeitando-se as fases de familiarização e transcrição dos dados, geração de códigos, busca por temas, revisão de temas, definição e nomeação de temas e escrita do relatório.

### **Resultados e Discussão**

Na primeira aplicação do instrumento PG-13, cujo o intuito era investigar a vivência de luto das adolescentes, nenhuma das participantes preencheu todos os critérios para o “luto prolongado”. Na segunda aplicação, após a intervenção, Fernanda e Clara preencheram todos os critérios para o luto prolongado e apenas Luana manteve as mesmas respostas. É importante salientar que as adolescentes não participaram de todos os encontros, portanto, torna-se difícil correlacionar de forma mais precisa os dados quantitativos com a vivência.

O fato de os indicadores de luto prolongado terem constado somente no pós-teste levou a algumas hipóteses. A primeira delas foi a falta de espaço relatada pelas participantes para tratar do tema até encontrar o grupo e a partir daí observarem reações que evitavam até então. Outra hipótese é que a não assiduidade nos encontros possa ter evocado temas que não tiveram uma finalização e que representavam aspectos paralisantes da vivência do luto. De qualquer forma, foi oferecido acompanhamento psicológico individual de longo prazo após o grupo a todas as participantes e uma delas aceitou o convite.

Com relação à dimensão qualitativa, por meio da análise temática de Braun e Clarke (2006) pôde-se identificar três temas que serão aqui abordados nessa discussão, sendo eles: (1) a ambivalência e ambiguidade da lembrança, (2) a importância das redes de apoio e (3) a adesão às intervenções que tratem do luto.

### **Tema 1: A lembrança como recurso para o luto: ambivalência entre adolescentes**

Um tema que se tornou central neste estudo foi a ambivalência e ambiguidade da lembrança. Esse tema inclui manifestações das adolescentes nas sessões, apontando o quanto ainda eram dolorosas, em seu processo de luto, a recordação e as lembranças. Duas participantes não reconhecem as memórias como um recurso para lidar com o luto. Logo no segundo encontro, Clara disse: *“Eu até hoje não consigo ver fotos, nem ouvir áudios, nem nada do tipo, eu pedi pra minha mãe até pra gente mudar de apartamento”*, e ainda afirmou: *“de verdade, eu não gosto muito da lembrança, acho que me tira mais dor do que conforto”*.

Algumas faltas foram sentidas no encontro que permitia expor lembranças e Fernanda e Clara não compareceram mesmo não sendo obrigatório o relato. Ambas afirmaram não gostar de lembrar de seus pais. Inclusive os resultados do instrumento de avaliação do luto PG-13 na segunda aplicação, podem ter sido influenciados por essa oscilação de Fernanda e Clara em relação às lembranças, já que o impacto da lembrança no indivíduo é um fator

muito relevante para a avaliação do luto, segundo esse instrumento e o grupo trouxe a ativação dessas lembranças. As duas participantes apresentaram essa oscilação do humor diante do relembrar. O fato de ser uma primeira morte enfrentada pelas adolescentes também apontou o não reconhecimento da lembrança, da memória e dos legados como aspectos recursivos do processo de luto. Pode ser que, nesse caso, os desafios desenvolvimentais da adolescência se sobrepuseram à vivência do luto, com as reações diante do que desconheciam e, portanto, um repertório de enfrentamento que ainda se mostrava em plena construção.

Essa recusa em participar do encontro em que se apresentariam os relatos e as lembranças permitiu a reflexão sobre a valorização da autonomia dos adolescentes no processo terapêutico que não poderia ser negligenciada. É importante que, nesse tipo de intervenção, a pessoa se sinta confortável para se expressar e tenha liberdade para falar ou não de determinado assunto e participar ou não de determinada atividade.

Fareez (2019) contribui acerca da relevância de falar com os participantes da intervenção sobre o falar sobre o luto e afirma que é importante o processo de dialogar sobre o que é ou não confortável de conversar durante as sessões, assim como diversas compreensões acerca do luto e seus efeitos. Esse movimento garante a transparência da relação terapêutica, o que gera colaboração.

Ainda sobre essa autonomia e liberdade para se expressar no grupo, no primeiro encontro, as três participantes estavam tímidas, não ligaram a câmera nem o microfone. As conversas aconteceram pelo chat. Fernanda manifestou-se assim em todos os encontros, já Clara ligou seu microfone a partir do quarto encontro e Luana, a partir do terceiro encontro, ligou sua câmera e microfone. Percebe-se que criar esse espaço de liberdade e autonomia, gerou colaboração e, ao longo do grupo, as meninas se sentiram mais seguras para se expressarem.

Em um grupo pequeno e cuja inscrição era voltada para aquelas pessoas que gostariam de um espaço dialógico para abordar a morte, as reações se mostraram diversificadas. Luana gostou de recorrer à lembrança, e, ao falar sobre a importância de uma amiga como rede de apoio, afirmou: “*A gente partilha muitos momentos e risadas, o que pra mim, é o mais importante, quando lembramos da minha mãe*”. Luana cita que lembrar da mãe é um recurso que a auxilia na elaboração do luto. Inclusive, na apresentação da mãe, trouxe fotos e falou de forma muito alegre sobre suas histórias e memórias.

No quarto encontro, nas conversas de lembrança, como mencionado no método proposto por White (2007), utilizaram-se os dois grupos de perguntas propostos: 1º “Quais as contribuições de seu ente querido para sua vida e como este impactou sua identidade?”, e 2º “quais as suas contribuições para vida de seu ente querido e como você impactou a identidade dele?”. Fernanda e Clara aceitaram participar dessa conversa e se lembraram de muitas coisas. Falaram bastante sobre seus pais e afirmaram no fim do encontro: “*Foi legal relembrar, não foi difícil*” (Clara); “*relembrar trouxe paz e foi bom*” (Fernanda).

Percebe-se que a lembrança em determinados momentos traz boas emoções e bons sentimentos e em outros traz dor e desconforto. Fernanda e Clara demonstraram uma oscilação em relação à lembrança de seus pais e isso sugere uma indicação da não linearidade do luto.

## **Tema 2: A importância das redes de apoio**

Outro tema abordado no grupo foi acerca da importância das redes de apoio. No primeiro encontro ficou marcante a presença da família, Fernanda relatou sobre a presença somente da mãe como rede de apoio e no segundo encontro apresentou a avó também. Porém, esta faleceu logo após a morte do pai. Luana e Clara relataram sobre amigas, colegas de escola e professores. No quinto encontro foi retomado esse tema e Luana acrescentou a

família da ex-patroa da mãe como rede de apoio, considerando que os membros a têm ajudado muito após o falecimento da mãe. Para Clara, mantiveram-se as mesmas pessoas. Fernanda não esteve presente nesse dia.

Outro assunto abordado que se associou bastante com as redes de apoio, foi acerca dos projetos de vida. Foram abordados os projetos que muitas vezes são interrompidos em decorrência do falecimento de pessoas significativas. O único projeto que Clara trouxe foi uma viagem que seria em comemoração dos seus 15 anos que foi adiada, mas está em preparação. Clara disse não pensar muito quanto ao futuro.

Luana não teve planos interrompidos, mas chegou a questionar a conclusão de um momento religioso importante, no entanto, a lembrança da mãe motivou a concluí-lo. Ela tem muitos projetos que concluiu e busca realizar em memória de sua mãe. Quanto às dificuldades relacionadas aos projetos, Luana citou: *“a maior dificuldade é o medo de ser insuficiente, já que tudo depende de mim agora”*. Clara diz não ter dificuldade, afinal, se sente segura em sua rede de apoio, mas não tem projetos futuros em mente.

Percebe-se a importância da rede de apoio não apenas no acolhimento e auxílio básico, mas na segurança quanto ao futuro. Juliano e Yunes (2014) contribuem ao afirmar que construir e consolidar redes são processos essencialmente ligados à convivência humana. Conviver com outras pessoas significa interagir de forma mútua, por meio de trocas que contribuem para o desenvolvimento. Segundo Bronfenbrenner (1996), a necessidade de apoio aumenta em determinados momentos e etapas da vida, como, por exemplo, em situações de doenças crônicas, perdas, traumas ou durante as importantes transições ecológicas.

### **Tema 3: Adesão à intervenção de luto e avaliação subjetiva de seus efeitos**

Esse tema foi composto a partir da avaliação da adesão das participantes ao grupo. No questionário de adesão, todas responderam que o grupo as auxiliou e que indicariam para

outras pessoas e afirmaram quanto a sua experiência delas: *“Foi boa e muito importante gostei muito e vai ser muito bom pra ajudar outras pessoas”* (Fernanda); *“Foi muito boa, consegui falar sobre um sentimento que, na grande maioria do tempo não consigo falar com outras pessoas. Então, foi muito bom poder expor e falar de forma leve sobre essa experiência”* (Luana); e Clara disse: *“Foi muito boa, me ajudou a lidar com o luto e a fazer coisas que antes eu não conseguia fazer (em relação ao luto)”*.

O interessante desses depoimentos foi que, apesar de apontarem, ao longo das sessões, desconfortos com lembranças ou histórias dolorosas, as adolescentes se detiveram nos aspectos positivos da vivência do grupo. Essa dimensão positiva e construtiva da intervenção fica evidenciada ao ressaltarem a ideia de ajuda, de espaço de expressão e de auxílio a fazer o que não se conseguia antes. Esses resultados corroboram os benefícios terapêuticos em intervenções grupais com pessoas enlutadas, citados por Supiano e Luptak (2014). Para esses autores, o grupo representa um momento que proporciona o compartilhamento de experiências, um lugar de escuta, de desenvolvimento de estratégias para lidar com o luto e gera oportunidades de ajuda e apoio entre os participantes.

### **Considerações Finais**

O luto e a adolescência são temáticas permeadas por enquadramentos, normas e estigmas. Por meio de uma visão pós-moderna influenciada pelo construcionismo social pode-se observar e refletir sobre alguns pontos extraídos desta pesquisa. Conclui-se que a intervenção aplicada abarcou três temas importantes, sendo eles: a ambivalência e ambiguidade da lembrança; a importância das redes de apoio e a adesão às intervenções que tratem de luto, sendo possível fazer uma reflexão acerca da relação entre redes de apoio e projetos de vida, pois se percebe que ter boas redes de apoio pode aumentar a segurança

quanto ao futuro e à realização dos projetos. Em contrapartida, a ausência de redes de apoio aumenta a insegurança.

A adesão à intervenção foi muito boa. As participantes se envolveram durante os encontros, disseram que gostaram, que as auxiliou no processo de luto e que indicariam para outras pessoas e que as auxiliaram no processo de luto. Sugere-se que novas pesquisas sejam feitas nessa temática, especialmente para avaliar os efeitos da intervenção de forma mais aprofundada.

Esta pesquisa atingiu o objetivo de ser um estudo exploratório sobre a intervenção grupal com adolescentes na aplicação de uma metodologia voltada para os processos de luto durante a pandemia de covid-19. Ao contrário de qualquer idealização dessa intervenção, essa pesquisa revelou várias especificidades e temáticas que as adolescentes problematizaram e que merecem grande atenção em replicação de iniciativas como essas. Entretanto, o estudo pode auxiliar como referencial técnico e teórico para intervenções em saúde, especialmente para profissionais de psicologia e em contextos de crises na saúde pública.

A pesquisa teve a intenção de auxiliar no aprimoramento das estratégias já existentes e desenvolvidas pelo Ministério da Saúde, por meio de trabalhos realizados com adolescentes que se tornaram órfãos ou estão em luto e contribuir para a elaboração de projetos na temática do luto juvenil em instituições públicas e privadas. A estimulação de novos estudos também se mostra bastante recomendada, uma vez que adolescentes podem ser co-construtores de metodologias que proponham articulação com suas realidades desenvolvimentais.

### **Referências**

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP063OA>

- Bronfenbrenner, U. A. (1996). *Ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (M. A. V., Tradução Veronese, Trad.). Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Campillo, M. (2009). *Terapia Narrativa. Auto-aprendizaje y co-aprendizaje grupal*. México: Ollin-Campillo.
- Carrijo, R. S., & Rasera, E. F. (2010). Mudança em psicoterapia de grupo: Reflexões a partir da terapia narrativa. *Psicologia Clínica*, 22(1), 125-140. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100008>
- Coutinho, C. P., & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(1), 221-243. <https://hdl.handle.net/1822/492>
- Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: Demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Delalibera, M., Delalibera, T. A., Franco, M. H. P., Barbosa, A., & Leal, I. (2017). Adaptação e validação brasileira do instrumento de avaliação do luto prolongado—PG-13. *Psicologia: teoria e prática*, 19(1), 94-106. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193851916006.pdf>
- Domingos, B., & Maluf, M. R. (2003). Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 577-589. <https://www.scielo.br/j/prc/a/YKFR3CBTZDssv844TGHDKcr/?format=pdf&lang=pt>
- Fareez, M. (2019). A ‘Certidão de Vida’: Uma ferramenta para trabalhar o luto em Singapura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 5–20. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i63.472>

- Grandesso, M. G. (2011). “Dizendo olá novamente”: A Presença de Michael White entre nós terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 99-118.  
<https://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/208>
- Grossman, E. (2010). A construção do conceito de adolescência no Ocidente. *Adolescência e Saúde*, 7(3), 47-51. [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=235](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=235).
- Juliano, M. C. C., & Yunes, M. A. M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, 17, 135-154. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>
- Lordello, S. R., & Silva, I. M. (2021). The Grief Elaboration Process in the Pandemic Scenario: A Group Intervention. *IntechOpen*. <https://www.intechopen.com/online-first/77524>
- Luna, I. J. (2014). *Histórias de perdas: Uma proposta de (re) leitura da experiência de luto* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].  
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129248>
- Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS]. (2021). Histórico da Pandemia de Covid-19. OPAS. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. (M. H. F. Bromberg, Trad). São Paulo: Summus.
- Parkes, C. M.(2009). *Amor e Perda: As raízes do luto e suas complicações*.(M. H. P. Franco, Trad). São Paulo. Summus.
- Prigerson, H. G., Horowitz, M. J., Jacobs, S. C., Parkes, C. M., Aslan, M., Goodkin, K., Raphael, B., & Maciejewski, P. K. (2009). Prolonged grief disorder: Psychometric validation of criteria proposed for DSM-V and ICD-11. *PLoS Medicine*, 10(12). <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000121>

- Rotheram-Borus, M. J., Weiss, R., Alber, S., & Lester, P. (2005). Adolescent adjustment before and after HIV-related parental death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(2), 221-228. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.73.2.221>
- Silva, V., & Mattos, H. (2004). Os jovens são mais vulneráveis às drogas?. In: I. Pinsky & M. A. Bessa (Orgs.). *Adolescência e drogas* (pp. 31-44). Contexto.
- Stake, R. E. (1995). *The art of the case study research*. Sage Publications.
- Supiano, K. P., & Luptak, M. (2014). Complicated grief in older adults: A randomized controlled trial of complicated grief group therapy. *Gerontologist, 54*(5), 840–856. <https://doi.org/10.1093/geront/gnt076>
- White, M. (2007). *Maps of Narrative Practice*. WW Norton & Company.

## Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo propor uma intervenção grupal e on-line para se trabalhar o luto em adolescentes que perderam pai e/ou mãe por covid-19. Diante do cenário pandêmico que foi vivenciado no Brasil, especialmente em 2020 e 2021, surgiu a preocupação com esse público, em especial, já que muitos adolescentes se tornaram órfãos devido à covid-19. Ao observar todo esse contexto e as múltiplas variáveis que o envolvem, urge a necessidade de compreender a vivência do luto em adolescentes órfãos e desenvolver propostas de intervenções que auxiliem essas pessoas, que muitas vezes são negligenciadas. Portanto, essa foi a motivação dessa pesquisa que foi expressa em dois manuscritos.

O primeiro manuscrito, por meio de uma revisão sistemática da literatura, trouxe algumas reflexões acerca do luto em adolescentes. Pôde-se perceber a singularidade e a subjetividade da vivência do luto e de seus efeitos. Também são singulares as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos adolescentes. Portanto, é imprescindível entender que não faz sentido tentar normatizar ou enquadrar uma vivência que é totalmente singular. O manuscrito 1 ainda apresenta as vivências desses adolescentes em relação às pesquisas e intervenções de luto. Os resultados indicaram que os participantes não sofreram danos, apresentaram boa adesão e, ainda, que indicaram a intervenção para outras pessoas. Esse resultado traz um reforço para que se desenvolvam pesquisas e intervenções para esse público.

Esse primeiro estudo reforçou a ideia de não padronizar o luto e a encará-lo como uma vivência singular e subjetiva, que inclusive embasa o segundo manuscrito. A revisão da literatura contribuiu para que houvesse mais segurança por parte da pesquisadora para aplicar a intervenção e realizar a pesquisa relatada no segundo manuscrito, já que é um tema delicado.

No segundo manuscrito, são relatadas as percepções e reflexões acerca da aplicação da intervenção com as adolescentes participantes da pesquisa. Devido à inconstância das participantes nos encontros, tornou-se difícil considerar as dimensões do instrumento de luto

prolongado e fazer uma avaliação dos efeitos da intervenção de forma mais precisa. Cabe uma problematização a ser feita aqui. Houve muita dificuldade na busca de instrumentos que compreendam o luto sem trazer um resultado psicopatológico. E isso não é o adequado para esta pesquisa, porque essa intervenção não tem a proposta de ser curativa, mas de auxiliar na elaboração do luto. No entanto, foram derivados temas ricos na análise temática de Braun e Clarke (2006). Um tema muito interessante, foi a ambiguidade e a ambivalência dos efeitos da lembrança nas participantes, que inclusive pode ser relacionado com os resultados do instrumento de avaliação do luto prologado.

Na pesquisa de Andriessen et al. (2022), que foi apresentada no manuscrito 1, também se constatou um desagrado por parte dos adolescentes em relação às memórias de luto durante a participação em uma pesquisa. Seria importante que mais pesquisas fossem realizadas para contemplar melhor essa dimensão, principalmente, porque nessa intervenção específica, as conversas de lembrança se constituíram como uma técnica central e evocam muitas lembranças. É importante observar também que nos grupos realizados com adultos por Lordello e Silva (2021), não houve resistência no quesito lembrança. Portanto, o desagrado da lembrança seria algo mais presente no público adolescente? Fica aqui uma sugestão para novas pesquisas.

Outro tema destacado no manuscrito 2 foi a relevância das redes de apoio para as adolescentes. É interessante observar que no manuscrito 1 as redes de apoio também foram mencionadas pelos adolescentes, como um importante auxiliador no enfrentamento do luto. Inclusive, destaca-se essa importância para fornecer segurança aos adolescentes quanto às realizações de projetos atuais e futuros. É importante salientar que esta intervenção também pode funcionar como uma rede apoio. Quanto à adesão às intervenções de luto, a pesquisa relatada no manuscrito 2 traz a abertura e a satisfação das adolescentes com a intervenção. Na

pesquisa de Unterhitzberger e Rosner (2014), relatada no manuscrito 1, também se constataram efeitos positivos quanto à adesão dos adolescentes à intervenção de luto.

Sugere-se que novas pesquisas e intervenções voltadas para o público adolescente sejam realizadas. É necessário que haja fomento por parte do poder público e que seja reconhecida a situação de vulnerabilidade que envolve as e os adolescentes órfãos. É importante ressaltar a necessidade de intervenções de luto voltadas para adolescentes na saúde pública, afinal, estas podem servir como redes de apoio e auxiliar na abordagem do luto, como foi a proposta desta pesquisa, além de abrir um canal de comunicação com os adolescentes. Além disso, as iniciativas dessa natureza são capazes de reconhecer sinais precoces de risco que geram encaminhamentos responsáveis e acompanhados à rede, Fernanda, que participou da pesquisa relatada no manuscrito 2, por meio dessa intervenção de luto, foi encaminhada à psicoterapia, pois apresentou sinais de risco, tendo citado em um determinado momento que não estava bem, antes mesmo de perder o pai.

Espera-se, dessa forma, que este estudo contribua com uma visão sensível às adolescências que sempre são plurais e expressam suas especificidades. A intenção é que políticas públicas contemplem concretamente ações e intervenções que sejam emancipatórias e que contribuam para que adolescentes sejam visibilizados em seus processos de enfrentarem e vivenciarem dores e desafios em seu percurso de desenvolvimento.

### Referências

- Andriessen, K., Krysinska, K., Rickwood, D., & Pirkis, J. (2022). The reactions of adolescents, parents and clinicians to participating in qualitative research interviews regarding adolescents bereaved by suicide and other traumatic death. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(1), 452.  
<https://doi.org/10.3390/ijerph19010452>

- Angelhoff, C., Sveen, J., Alvariza, A., Weber-Falk, M., & Kreicbergs, U. (2021). Communication, self-esteem and prolonged grief in parent-adolescent dyads, 1-4 years following the death of a parent to cancer. *European Journal Of Oncology Nursing*, 50. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2020.101883>
- Attig, T. (2001). Relearning the world: Making and finding meanings. In: R. A. Neimeyer (Ed.) *Meaning reconstruction and the experience of loss*. (pp. 33-53). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10397-002>
- Boelen, P. A., & Prigerson, H. G. (2007). The influence of symptoms of prolonged grief disorder, depression, and anxiety on quality of life among bereaved adults: a prospective study. *European archives of psychiatry and clinical neuroscience*, 257, 444-452. <https://doi.org/10.1007/s00406-007-0744-0>
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda* (Vol. 1). SP: Martins Fontes.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP063OA>
- Braz, M. S. & Franco, M. H. P. (2017). Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*. 37 (1), pp. 90-105. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016>
- Bronfenbrenner, U. A. (1996). *Ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (M. A. V., Tradução Veronese, Trad.). Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Campillo, M. (2009). *Terapia Narrativa. Auto-aprendizaje y co-aprendizaje grupal*. Mexico: Ollin-Campillo.
- Carvalho, F. A. (2014). *Reflexões sobre a morte e a elaboração do luto*. [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15371/1/Francisco%20de%20Assis%20Carvalho.pdf>

- Carreiro, T. (2010). Adolescências e experimentações possíveis. In M. Marra, & L. Costa (Eds.), *Temas da clínica do adolescente e da família* (pp. 15-24). Ágora.
- Carrijo, R. S., & Rasera, E. F. (2010). Mudança em psicoterapia de grupo: Reflexões a partir da terapia narrativa. *Psicologia Clínica*, 22(1), 125-140. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100008>
- Coutinho, C. P., & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(1), 221-243. <https://hdl.handle.net/1822/492>
- Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: Demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Delalibera, M., Delalibera, T. A., Franco, M. H. P., Barbosa, A., & Leal, I. (2017). Adaptação e validação brasileira do instrumento de avaliação do luto prolongado—PG-13. *Psicologia: teoria e prática*, 19(1), 94-106. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193851916006.pdf>
- Domingos, B., & Maluf, M. R. (2003). Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, pp. 577-589. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300016>
- Fareez, M. (2019). A ‘Certidão de Vida’: Uma ferramenta para trabalhar o luto em Singapura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 5–20. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i63.472>

- Franco, M. H. P. (2008). Luto em cuidados paliativos. In: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Ed.), *Cuidado Paliativo* ( pp. 559-570). Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.
- [http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/integras\\_pdf/livro\\_cuidado%20paliativo.pdf](http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/integras_pdf/livro_cuidado%20paliativo.pdf)
- Franco, M. H. P. (2009). Luto como experiência vital. *Cuidados paliativos: Discutindo a vida*.
- [https://www.4estacoes.com/pdf/textos\\_saiba\\_mais/luto\\_como\\_experiencia\\_vital.pdf](https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_como_experiencia_vital.pdf)
- Franco, M. H. P. (2010). Por que estudar o luto na atualidade? In M. H. P. Franco (Org.), *Formação e rompimento de vínculos*. (pp. 17- 42). Summus.
- Freud, Sigmund. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. In: *A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (1996). (14, pp. 245-263). Imago.
- Grandesso, M. G. (2011). “Dizendo olá novamente”: A Presença de Michael White entre nós terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 99-118.
- <https://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/208>
- Grossman, E. (2010). A construção do conceito de adolescência no Ocidente. *Adolescência e Saúde*, 7(3), 47-51. [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=235](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=235).
- Juliano, M. C. C., & Yunes, M. A. M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, 17, 135-154. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>
- Kübler-Ross, E. (1994). *Sobre a Morte e o Morrer: O que os Doentes Terminais Têm para Ensinar a Médicos, Enfermeiras, Religiosos e aos seus Próprios Parentes*. São Paulo: Martins Fontes.

- Lima, S., & Fortim, I. (2015). A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*, 18(4), pp. 771-788. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12>
- Lordello, S. R., & Mauch, A. G. D. (2020). Psicoterapia de adolescentes e jovens: Práticas dialógicas e terapia narrativista como dispositivos clínicos. In D. M. D. Amparo, R. A. D. O. Morais, K. C. T. R. Brasil, & E. R. Lazzarini (Eds.), *Adolescência: psicoterapias e mediações terapêuticas na clínica dos extremos*. (pp. 425-534). Technopolitik.
- Lordello, S. R. & Silva, I. M. (2021). The Grief Elaboration Process in the Pandemic Scenario: A Group Intervention. *IntechOpen*. <https://www.intechopen.com/online-first/77524>
- Luna, I. J. (2014). *Histórias de perdas: uma proposta de (re) leitura da experiência de luto* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129248>
- Luna, I. J. (2019). Narrativas de homens viúvos diante da experiência de luto conjugal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 32–46. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i64.497>
- Luna, I. J. (2021). Uma proposta teórico-metodológica para subsidiar a facilitação de grupos reflexivos e de apoio ao luto. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 46–60. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.585>
- Manoel, D. F., Lordello, S. R., Souza, L., & Pessoa, A. S. G. (2020). Sexting e adolescência: A emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. *Revista da SPAGESP*, 21(1), 37-50. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7322113>
- Ministério da Saúde. (2007). Marco legal: Saúde, um direito de adolescentes.(1ªed.). Ministério da Saúde. [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0400\\_M.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf)
- Myerhoff, B. (1978). *Number our days*. Simon and Schuster.

- Myerhoff, B. (1982). Life history among the elderly: Performance, visibility and remembering. In J. Ruby (Ed.), *A crack in the mirror: Reflexive perspectives in anthropology* (pp. 99–117). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Ntuli, B., Sebola, E., & Madiba, S. (2020). Responding to Maternal Loss: A Phenomenological Study of Older Orphans in Youth-Headed Households in Impoverished Areas of South Africa. *Healthcare*, 8(3). 259.  
<https://doi.org/10.3390/healthcare8030259>
- Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS]. (2021). Histórico da Pandemia de Covid-19. OPAS. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
- Owaa, J., Aloka, P., & Raburu, P. (2015). The influence of emotional progression factors on adjustment to loss and grief on Kenyan orphaned secondary school students. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 6(4S3),190 - 200.  
<https://doi.org/10.5901/mjss.2015.v6n4s3p190>
- Owaa, J., Raburu, P., & Aloka, P. (2015). Strategies for adjustment to loss and grief among selected Kenyan orphaned secondary school students. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 6(4S3). 532 - 541. <https://doi.org/10.5901/mjss.2015.v6n4s3p532>
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. (M. H. F. Bromberg, Trad). São Paulo: Summus.
- Parkes, C.M. (2001) A Historical Overview of the Scientific Study of Bereavement. In. Strobe, M., Hansson, R. H., Stroebe, W. e Schut, H. (2001). *Handbook of Bereavement Research: Consequences, Coping and Care*. American Psychological Association.
- Parkes, C. M.(2009). *Amor e Perda: As raízes do luto e suas complicações*.(M. H. P. Franco, Trad). São Paulo. Summus.

Pereira, K. M. (2004). *Adolescência, luto e enfrentamento*. [Dissertação de mestrado].

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Prigerson, H. G., Horowitz, M. J., Jacobs, S. C., Parkes, C.

M., Aslan, M., Goodkin, K., Raphael, B., & Maciejewski, P. K. (2009). Prolonged grief disorder: Psychometric validation of criteria proposed for DSM-V and ICD-11. *PLoS Medicine*, *10*(12). <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000121>

Rodriguez, S. N., & Damásio, B. F. (2014). O desenvolvimento de identidade e sentido de vida nos adolescentes. In: L. F. Habigzang, E. Diniz, & S. H. Koller (Orgs.).

*Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica* (pp. 30-41). Porto Alegre: Artmed.

Rotheram-Borus, M. J., Weiss, R., Alber, S., & Lester, P. (2005). Adolescent adjustment before and after HIV-related parental death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *73*(2), 221-228. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.73.2.221>

Santos, G. C. B. F. (2019). Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, *2*(3), pp. 116–137. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.116-137>

Scavacini, K., Cornejo, E. R., & Cescon, L. F. (2019). Grupo de Apoio aos Enlutados pelo Suicídio: Uma experiência de posvenção e suporte social. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, *4*(7), 201–214. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2019.v4i7.201-214>

Schut, H., & Stroebe, M. (2005). Interventions to Enhance Adaptation to Bereavement.

*Journal of Palliative Medicine*, *8*(1), 141-148. <https://doi.org/10.1089/jpm.2005.8.s-140>

Silva, V., & Mattos, H. (2004). Os jovens são mais vulneráveis às drogas?. In: I. Pinsky & M. A. Bessa (Orgs.). *Adolescência e drogas* (pp. 31-44). Contexto.

- Siqueira, A. C., & Azevedo, D. F. (2020). Terapia do Luto: Intervenções clínicas na elaboração do processo de luto. *Revista Farol*, 9(9), 341-355.  
<https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/154>
- Sousa, L. M. M., Firmino, C. F., Marques-Vieira, C. M. A., Severino, S. S. P., & Pestana, H. C. F. C. (2018). Revisões da literatura científica: Tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação*, 1(1), 45-54.  
<https://doi.org/10.33194/rper.2018.v1.n1.07.4391>
- Spuij, M., Reitz, E., Prinzie, P., Stikkelbroek, Y., de Roos, C., & Boelen, P. (2012). Distinctiveness of symptoms of prolonged grief, depression, and post-traumatic stress in bereaved children and adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 21(12), pp. 673-679. <http://dx.doi.org/10.1007/s00787-012-0307-4>
- Stake, R. E. (1995). *The art of the case study research*. Sage Publications.
- Supiano, K. P., & Luptak, M. (2014). Complicated grief in older adults: A randomized controlled trial of complicated grief group therapy. *Gerontologist*, 54(5), 840–856.  
<https://doi.org/10.1093/geront/gnt076>
- Taylor, T. M., Thurman, T. R., & Nogela, L. (2016). “Every time that month comes, I remember”: using cognitive interviews to adapt grief measures for use with bereaved adolescents in South Africa. *Journal of Child and Adolescent Mental Health*, 28(2), 163 - 174. <http://dx.doi.org/10.2989/17280583.2016.1210154>
- Thupayagale-Tshweneagae, G. (2012). Grieving experiences amongst adolescents orphaned by AIDS: Analysis from event history calendars. *Curationis*, 35(1).  
<http://dx.doi.org/10.4102/curationis.v35i1.71>
- Unterhitzenberger, J., & Rosner, R. (2014). Lessons from writing sessions: a school-based randomized trial with adolescent orphans in Rwanda. *European journal of psychotraumatology*, 5(1). <https://doi.org/10.3402/ejpt.v5.24917>

White, M. (1989). Saying hullo again. In M. White (Ed.), *Selected papers*, (pp. 29–36).

Dulwich Centre Publications.

White, M. (2007). *Maps of Narrative Practice*. WW Norton & Company.

Worden, J. (1983). *Grief Counselling & Grief Therapy*. London and New York: Tavistock

Publications.

Zappe, J. G., Santos, C. R., Ferrão, I. S., & Dias, A. C. G. (2013). Vulnerabilidade e

autonomia na pesquisa com adolescentes privados de liberdade. *Psicologia: Ciência e*

*Profissão [online]*, 33(1), pp. 234-247. <https://doi.org/10.1590/S1414->

98932013000100018.

## Apêndice A

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os maiores de 18 anos*

Convidamos você a participar da pesquisa **“Avaliação de eficácia de uma intervenção para adolescentes que ficaram órfãos devido a Covid-19”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Larissa Rodrigues Faria. Devido a pandemia de COVID-19 muitos adolescentes se tornaram órfãos de pai e /ou mãe, e esse contexto traz diversas implicações ao processo de elaboração do luto, portanto o esse projeto tem como objetivo desenvolver uma proposta de intervenção grupal e on-line para trabalhar o luto em adolescentes que perderam pai e/ou mãe por Covid-19. Será avaliada a eficácia e a adesão à intervenção.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome do(a) participante não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A participação se dará por meio da participação de uma intervenção que será grupal e on-line via Google Meet com um tempo estimado de 6 encontros para sua realização, sendo 1 encontro por semana com duração de 2 horas. Você deverá responder o instrumento de avaliação de luto prolongado antes e após a intervenção e um questionário de adesão.

Os riscos decorrentes da participação na pesquisa são possibilidade de danos psicológicos e morais, pois, pode haver possibilidade de constrangimento durante os encontros por parte de outros participantes, desconforto e vergonha ao falar sobre o tema, pode haver também quebra de sigilo, caso se identifique um risco grave de suicídio. Pode haver riscos de quebra de sigilo relacionados ao ambiente virtual e tecnológico, todavia medidas serão tomadas para minimizarem os riscos, como por exemplo, não forçar você a falar nas reuniões, combinar com os demais participantes acordos para não haver constrangimentos, bem como acordos relacionados ao resguardo da identidade de todos os participantes. Se você aceitar participar da pesquisa, estará contribuindo para a possibilidade de auxílio na elaboração do luto, poderá ter uma rede de apoio e contribuirá com o desenvolvimento da ciência em prol da sociedade, sem haver necessidade de se deslocar do seu ambiente para participar do grupo.

Você pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o/a mesmo(a).

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à participação, que será voluntária.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente da participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Caso você sinta algum desconforto relacionado aos

procedimentos adotados durante a pesquisa, o senhor(a) pode procurar a pesquisadora responsável para que possamos ajudá-lo.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos. Se o(a) senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com a pesquisadora responsável Larissa Rodrigues Faria, no telefone: (92)99572-3026 e e-mail: larissafariapsi@gmail.com.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone 61 3107-1592 ou do e-mail cep\_chs@unb.br, horário de atendimento das 13h00 às 19h00, de segunda a sexta-feira. O CEP/FCE se localiza no Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF | CEP 70910-900.

Este TCLE poderá ser impresso, no link enviado, sendo importante você guardar em seus arquivos uma cópia deste documento. Ao clicar no botão abaixo, você concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde, apenas feche essa página do seu navegador.

Larissa Rodrigues Faria - Pesquisador Responsável

Li e concordo em participar da pesquisa

## Apêndice B

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ( TCLE) para os responsáveis dos menores de idade*

Convidamos o(a) Senhor(a) a autorizar a participação de seu filho ou sua filha na pesquisa **“Avaliação de eficácia de uma intervenção para adolescentes que ficaram órfãos devido a Covid-19”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Larissa Rodrigues Faria. Devido a pandemia de COVID-19 muitos adolescentes se tornaram órfãos de pai e /ou mãe, e esse contexto traz diversas implicações ao processo de elaboração do luto, portanto o esse projeto tem como objetivo desenvolver uma proposta de intervenção grupal e on-line para trabalhar o luto em adolescentes que perderam pai e/ou mãe por Covid-19. Será avaliada a eficácia e a adesão à intervenção.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome do(a) participante não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A participação se dará por meio da participação de uma intervenção que será grupal e on-line via Google Meet com um tempo estimado de 6 encontros para sua realização, sendo 1 encontro por semana com duração de 2 horas. O(A) participante deverá responder o instrumento de avaliação de luto prolongado antes e após a intervenção e um questionário de adesão.

Os riscos decorrentes da participação na pesquisa são possibilidade de danos psicológicos e morais, podendo haver possibilidade de constrangimento durante os encontros por parte de outros participantes, desconforto e vergonha ao falar sobre o tema, pode haver também quebra de sigilo, caso se identifique um risco grave de suicídio. Pode haver riscos de quebra de sigilo relacionados ao ambiente virtual e tecnológico, todavia medidas serão tomadas para minimizar os riscos, como, por exemplo, não forçar o (a) participante a falar, combinar com os demais participantes acordos para não haver constrangimentos, bem como acordos relacionados ao resguardo da identidade de todos os participantes. Se você permitir a participação, estará contribuindo para a possibilidade de auxílio na elaboração do luto do (da) participante que poderá ter uma rede de apoio e contribuirá para o desenvolvimento da ciência em prol da sociedade, sem haver necessidade de deslocar do seu ambiente para participar do grupo.

O(a) participante da pesquisa pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o/a mesmo(a).

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à participação, que será voluntária.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente da participação nessa pesquisa, o participante receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Caso o(a) participante sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, o senhor(a) ou o(a) participante pode procurar a pesquisadora responsável para que possamos ajudá-lo.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos. Se o(a) senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com a pesquisadora responsável Larissa Rodrigues Faria, no telefone: (92)99572-3026 e e-mail: larissafariapsi@gmail.com.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone 61 3107-1592 ou do e-mail cep\_chs@unb.br, horário de atendimento das 13h00 às 19h00, de segunda a sexta-feira. O CEP/FCE se localiza no Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF | CEP 70910-900.

Este TCLE poderá ser impresso, no link enviado, sendo importante você guardar em seus arquivos uma cópia deste documento. Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda que seu(sua) filho(a) participe da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde, apenas feche essa página do seu navegador.

Larissa Rodrigues Faria - Pesquisadora Responsável

Li e concordo em participar da pesquisa

## Apêndice C

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

### TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“Avaliação de eficácia de uma intervenção para adolescentes que ficaram órfãos devido a Covid-19”**. Seus pais permitiram que você participe. A proposta desta pesquisa é avaliar a eficácia e a adesão a uma intervenção grupal e on-line com adolescentes que perderam pai e/ou mãe por Covid-19. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm de 15 a 19 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita de forma on-line, via Google Meet, onde você participará de uma intervenção que consiste em um grupo de apoio a adolescentes enlutados por Covid-19. Acontecerão 6 encontros, sendo 1 encontro por semana com duração de 2 horas. Nesses encontros serão trabalhados temas relacionados ao luto com o objetivo de auxiliar no seu processo de elaboração do luto. Você deverá responder o instrumento de avaliação de luto prolongado antes e após a realização do grupo de apoio e um questionário de adesão ao final do grupo. O uso desse material e a participação dessa intervenção é considerado(a) seguro(a), mas é possível que haja danos psicológicos e morais, pois, pode haver possibilidade de constrangimento durante os encontros por parte de outros participantes, desconforto e vergonha ao falar sobre o tema, pode haver também quebra de sigilo, caso se identifique um risco grave de suicídio. Pode haver riscos de quebra de sigilo relacionados ao ambiente virtual e tecnológico, todavia, medidas serão tomadas para minimizarem os riscos, como por exemplo, não forçar você a falar nas reuniões, combinar com os demais participantes acordos para não haver constrangimentos, bem como acordos relacionados ao resguardo da identidade de todos os participantes. Se você aceitar participar da pesquisa, estará contribuindo para a avaliação de uma intervenção que possa auxiliar na elaboração do luto de adolescentes em situações pandêmicas e/ou catastróficas, poderá ter uma rede de apoio sem haver necessidade de deslocar do seu ambiente para participar do grupo; poderá ter um espaço acolhedor para falar sobre sua perda com pessoas que partilham da mesma dor e essa intervenção poderá te auxiliar a lidar melhor com o seu processo de luto.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa ou durante a pesquisa se sentir desconfortável por favor entre em contato com a pesquisadora responsável Larissa Rodrigues Faria, no telefone: (62) 995723026 e e-mail: larissafariapsi@gmail.com, você poderá interromper a pesquisa quando quiser. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os dados serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Se você tiver alguma dúvida, você pode nos perguntar ou a pesquisadora Larissa Rodrigues Faria. Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone 61 3107-1592 ou do

e-mail [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br), horário de atendimento das 13h00 às 19h00, de segunda a sexta-feira. O CEP/FCE se localiza no Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF | CEP 70910-900.

Este TCLE poderá ser impresso, no link enviado, sendo importante você guardar em seus arquivos uma cópia deste documento. Ao clicar no botão abaixo, você concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde, apenas feche essa página do seu navegador.

Larissa Rodrigues Faria - Pesquisadora Responsável

Li e concordo em participar da pesquisa

## Apêndice D

### Avaliação de adesão

1. Esse grupo te auxiliou no seu processo de luto?

Sim ( ) Não ( )

2. Você indicaria que esse grupo fosse realizado com outras pessoas?

Sim ( ) Não ( )

3. Descreva como foi a sua experiência nesse grupo de apoio ao luto.

**Anexo A****INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO LUTO PROLONGADO – PG-13****INSTRUÇÕES DA PARTE I: Assinale a sua resposta em relação a cada item:**

1. No último mês, quantas vezes sentiu saudades e a ausência da pessoa que perdeu?

- 1= Quase nunca
- 2= Pelo menos uma vez
- 3= Pelo menos uma vez por semana
- 4= Pelo menos uma vez por dia
- 5= Várias vezes por dia

2. No último mês, quantas vezes sentiu intensa dor emocional, tristeza/pesar ou episódios de angústia relacionados com a relação perdida?

- 1= Quase nunca
- 2= Pelo menos uma vez
- 3= Pelo menos uma vez por semana
- 4= Pelo menos uma vez por dia
- 5= Várias vezes por dia

3. Relativamente às questões 1 e 2, teve essa experiência pelo menos diariamente, por um período de, pelo menos, 6 meses?

- Não
- Sim

4. No último mês, quantas vezes tentou evitar contacto com tudo o que lhe recorda que a pessoa faleceu?

- 1= Quase nunca
- 2= Pelo menos uma vez
- 3= Pelo menos uma vez por semana
- 4= Pelo menos uma vez por dia
- 5= Várias vezes por dia

5. No último mês, quantas vezes se sentiu atordoado/a, chocado/a ou emocionalmente confundido/a pela sua perda?

\_\_\_\_\_ 1= Quase nunca

\_\_\_\_\_ 2= Pelo menos uma vez

\_\_\_\_\_ 3= Pelo menos uma vez por semana

\_\_\_\_\_ 4= Pelo menos uma vez por dia

\_\_\_\_\_ 5= Várias vezes por dia

**INSTRUÇÕES DA PARTE II: Em relação a cada item, indique como se sente habitualmente. Envolve com um círculo, o número adequado à sua situação.**

	N Ã O  D E  T O D O	L I G E I R A M E N T E	R A Z O A V E L M E N T E	B A S T A N T E	E X T R E M A M E N T E
6. Sente-se confuso/a quanto ao seu papel na vida ou sente que não sabe quem é (i.e., sente que uma parte de si morreu)?	1	2	3	4	5
7. Tem tido dificuldade em aceitar a perda?	1	2	3	4	5
8. Tem tido dificuldade em confiar nos outros desde a perda?	1	2	3	4	5
9. Sente amargura pela sua perda?	1	2	3	4	5
10. Sente agora dificuldade em continuar com a sua vida (por exemplo, fazer novos amigos, ter novos interesses)?	1	2	3	4	5
11. Sente-se emocionalmente entorpecido desde a sua perda?	1	2	3	4	5
12. Sente que a sua vida é insatisfatória, vazia ou sem significado desde a sua perda?	1	2	3	4	5

**INSTRUÇÕES DA PARTE III: Assinale a sua resposta em relação a cada item.**

13. Sentiu uma redução significativa na sua vida social, profissional ou em outras áreas importantes (por exemplo, responsabilidades domésticas)?

\_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Sim

**DIAGNÓSTICO DE PLP:**

1. Questões 1 e 2 - respondidas com uma intensidade diária ou de várias vezes por dia;
2. Resposta afirmativa à questão 3;
3. Pelo menos cinco das questões 4 a 12 - respondidas em nível 4 ou 5;
4. Resposta afirmativa à questão 13.